

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Indícios de ocupação pré-histórica no município de Santana do Matos

Daniel Bertrand

Natal/RN

2003 . 1

Daniel Bertrand

Indícios de ocupação pré-histórica no município de Santana do Matos

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, ministrada pela Professora Doutora Denise Mattos Monteiro, do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação do Professor Luiz Dutra de Souza Neto.

Natal/RN

2003

AGRADECIMENTOS

As pessoas a quem eu dedico este trabalho e que são responsáveis pela sua elaboração, bem como as que proporcionaram o seu desenvolvimento.

Aos meus pais, Odete e Sergio, e irmãos, Andréia, Camila, Kristian e Rodrigo, pela confiança e apoio na elaboração do trabalho.

Ao professor Luiz Dutra de Souza Neta, pela orientação, amizade e confiança do trabalho.

A Emmanuelle de Paiva Telêmaco pelo apoio, carinho, incentivo durante a elaboração do trabalho.

A todos os meus amigos do curso de história que forma direta ou indireta contribuíram para a minha formação.

Ao “calango”, digo Jagoanhara, Raquel Barros, Pedrinho, Janaína Costa, , Ana “Prego” Amélia, Juliana pelo auxílio deste trabalho, bem como os professores e funcionários do Departamento de Arqueologia e do Museu Câmara Cascudo.

A todos os professores do Departamento de História, cada um com as suas características e contribuição singulares.

Ao Núcleo de Estudos Históricos.

SUMÁRIO

Lista de Figuras.....	05
Introdução.....	06
Capítulo 01 - Conceitos e métodos da pesquisa arqueológica.....	09
1.1 - Métodos e técnicas arqueológicas.....	12
1.2 - A conservação das fontes pré-históricas.....	16
Capítulo 02 - Os Vestígios arqueológicos.....	19
2.1 - Vestígios Humanos.....	19
2.2 - Vestígios Líticos.....	21
2.3 - Vestígios Rupestres.....	29
Capítulo 03 - Os indícios em Santana do Matos.....	38
3.1 - A pesquisa arqueológica.....	38
3.2 - Os sítios arqueológicos.....	42
Conclusão.....	50
Bibliografia.....	53

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Níveis estratigráficos do sítio Angico pesquisado por Vicente Giancotti, no município de Angicos/RN.....	27
Figura 02: Grafismos emblemáticos da tradição Nordeste.	32
Figura 03: Grafismos emblemáticos da grande tradição Agreste.....	33
Figura 04: Gravura da tradição Itaquiara, gravura do sítio São Bento, Itaú/RN.....	34
Figura 05: Localização geográfica do município de Santana do Matos.....	39
Figura 06: Na imagem: “a) Sítio Bom Jesus, Santana do Matos” podemos ver registros rupestres do sítio “Pedra das Pinturas” de José de Azevedo Dantas.....	41
Figura 07: Representação de antropomorfo em pintura e gravura	49
Figura 08: Grafismos puros não identificáveis presentes somente no sítio São Vicente em Santana do Matos.	49

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo principal a busca de fontes históricas para a pesquisa da pré-história¹. Diferentemente do estudo da história que se utiliza documentos escritos, a pré-história necessita de ciências auxiliares e de documentos não escritos, chamados na arqueologia², principal ciência de auxílio ao pré-historiador, de cultura material que são os objetos deixados pelo homem na sua passagem em um determinado ambiente. Mas estes objetos devem ser estudados pela arqueologia dentro de um contexto arqueológico, onde será observada a relação dos mesmos com o meio, denominados de sítios arqueológicos.

Os sítios arqueológicos são para o pré-historiador as fontes da pesquisa, isto ocorre pelo fato de observarmos em um sítio todos os possíveis aspectos culturais de um grupo, desde a sua alimentação, habitat, organização social, tecnologia e aspectos religiosos.

O município de Santana do Matos foi escolhido como área a ser pesquisada por apresentar referências de ocupação pré-histórica. Sua proximidade com a área arqueológica de Seridó, sendo esta, atualmente uma das principais regiões de estudo da pré-história do Rio Grande do Norte. A confirmação da existência de sítios arqueológicos no município, observando o cadastro de sítios arqueológicos do IPHAN³, a obra de José de Azevedo Dantas⁴ e os resultados preliminares do projeto de pesquisa "Mapeamento e Cadastramento do Patrimônio Arqueológico do Rio Grande do Norte" coordenado pelo Prof. Luiz Dutra de Sousa Neto do Museu Câmara Cascudo.

Se observarmos a produção científica dessa área da história, veremos um abandono feito pela pesquisa histórica no nosso Estado. O mais alarmante é a pouca ou nenhuma produção bibliográfica sobre pré-história do Estado, onde observamos nas obras clássicas da história do Rio Grande do Norte a inexistência de análises, melhor dizendo narrativas ou

¹ Pré-história é "o mais longo período da história, termo universalmente aceito como período das sociedades ágrafas, tem fontes na cultura material". MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil* p. 295

² "Se ocupa também do ambiente em que o gênero humano se desenvolveu e no qual o homem ainda vive. Isso pode incluir fatores sobre os quais ele tem pouco ou nenhum controle, como as manchas solares, o clima e as marés; pode incluir também o modo como o homem, entre outros animais, transformou a paisagem, o mundo animal e, recentemente, a atmosfera, e a química do mar, dos lagos e dos rios". RAHTZ, Philip. *Convite à Arqueologia*. p. 09.

³ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. O cadastro de sítios arqueológicos pode ser pesquisado no site do IPHAN, que é www.iphan.gov.br.

⁴ DANTAS, José de Azevedo. *Indícios de uma Civilização Antiquíssima*. João Pessoa: União, 1994.

7
descrição de fatos, referentes ao período anterior ao descobrimento no nosso Estado. Como toda regra tem a sua exceção, podemos citar a obra de Tarcísio de Medeiros "Proto História do Rio Grande do Norte", em que o autor resume as pesquisas realizadas pelo departamento de arqueologia do Museu Câmara Cascudo sob a coordenação do arqueólogo Laroche até os anos ¹⁹80. ~~Os demais se permitem a somente realizar descrições sobre os aspectos culturais dos índios que habitavam a região após o descobrimento.~~ Nos últimos anos foram publicadas duas obras importantes para a história do Estado, do professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e da rede de particular ensino, ensino médio, Luis Eduardo Brandão Suassuna⁵, ~~junto com~~ Marlene da Silva Mariz e a ~~de~~ Denise Mattos Monteiro⁶ da mesma universidade. Importantes pela sua grande abrangência ante a população necessitada de obras mais didáticas dos que as ditas clássicas. Mas infelizmente também nessas obras não temos referencia deste período da história do Estado.

Acima demonstramos a importância da pesquisa em Santana do Matos no campo do conhecimento histórico, mas esta também têm o objetivo de avaliar a situação em que se encontram os sítios arqueológicos. Pois estamos vivendo uma época de grande desenvolvimento econômico e para que isso ocorra estão sendo realizadas em todo o Brasil obras de infra-estrutura, como a construção de barragens, hidrelétricas, rodovias, entre outras.

Sabemos da importância dessas obras para o desenvolvimento da nação e principalmente do nosso Estado, só que o custo pago por esse desenvolvimento acaba sendo alto. Uma vez interferido o sítio arqueológico perde todo o seu valor para a arqueologia, onde os objetos perderão toda a sua bagagem cultural.

A pesquisa realizada no município para a elaboração final desta monografia foi dividida em duas etapas. Na primeira etapa foram realizados levantamentos bibliográficos em obras especializadas e de cronistas, como também um estudo da toponímia da região sempre com o objetivo de buscar referências de localidades em que estão localizados os sítios arqueológicos. Na Segunda etapa da pesquisa foram realizadas viagens ao município, isto com o auxílio do departamento de arqueologia do Museu Câmara Cascudo e do Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, onde

⁵ SUASSUNA, Luiz Eduardo B., MARIZ, Marlene da Silva. **História do Rio Grande do Norte colonial (1597/1822)**. Natal: Natal Editora, 1997.

⁶ MONTEIRO, Denise Mattos. **Introdução à História do Rio Grande do Norte**. Natal: EDUFRN, 2000.

buscamos a confirmação dos dados levantados e a busca de novas informações sobre outros sítios. Chegando aos sítios arqueológicos nos preocupamos em identificar ^o tipo de vestígio arqueológico existente em cada sítio, o grau de conservação dos mesmos e também os agentes destruidores.

Para realizarmos nossa pesquisa utilizamos dois livros básicos, “Pré-história do Nordeste do Brasil” de Gabriela Martin e “Arqueologia Brasileira” de André Prous, ambos arqueólogos e pré-historiadores (dos mais) respeitados dentro da área no Brasil, onde retiramos os conceitos e métodos de análise. No que diz respeito à pesquisa de campo, desde o seu preparo até as visitas aos sítios, utilizamos os métodos apresentados pelo arqueólogo francês Louis Frédéric, no seu livro “Manual prático de arqueologia” e o de Pedro Augusto Mentz Ribeiro “Manual de introdução à arqueologia”.

Acima demonstramos a importância do potencial da pesquisa em Santana do Matos no campo do conhecimento histórico, mas esta também têm o objetivo de avaliar o nível de conservação dos sítios arqueológicos. (?) Objetivos?

Para um melhor entendimento o trabalho foi dividido em três capítulos, onde partimos do tema em seu sentido geral da pesquisa arqueológica do nordeste brasileiro, passando por um estudo do tema no âmbito regional e local. No primeiro capítulo apresentamos os conceitos presentes na pesquisa arqueológica, as etapas da mesma utilizada no trabalho e por os agentes destruidores das fontes históricas. No segundo capítulo trabalhamos os conceitos e como são trabalhos os vestígios encontrados na região pesquisada, como também realizamos um pequeno levantamento histórico das pesquisas desses vestígios no Rio Grande do Norte, explicitando os resultados e as áreas onde foram trabalhados. Por último, no terceiro capítulo, trabalhamos os sítios arqueológicos localizados no município de Santana do Matos, dando ênfase a sua localização, os vestígios arqueológicos registrados em cada um e estado de conservação de cada sítio identificando se possível os agentes destruidores.

- L> Conceitos
- L> Históricos
- L> Sítios

CAPÍTULO 01:

Conceitos e métodos da pesquisa arqueológica

La prehistoria es, pues, una de las materias de las humanidades; es la fase más remota del estudio histórico. Es una parte de la historia, y los que denominam ciencia están utilizando el término en un sentido muy especial. La prehistoria forma parte de la historia humana y, por lo tanto, le afectan todos los problemas inherentes al método histórico: dificultad de evaluar la evidencia allegada, impossibilidad de escribir sin tener certa predisposición y el cambio constante del cuadro de la historia en consonancia com los cambiantes modos, ideas y preconcepciones do los historiadores.

Pero sufre de muchas más dificultades que las que aquejam al que escribe historia, dificultades que se basan, principal e completamente, en los testimonios escritos. La dificultad principal e o que, por definición, la arqueología prehistórica trata, únicamente, de las fuentes anteriores al testimonio escrito, de modo que toda la prehistoria es anónima (...) La prehistoria no sólo trata de las sociedades, anónimas, agrupadas en divisiones que ella misma elabora, sino que, y de un modo inevitable, se ocupa, principalmente, en los aspectos culturales materiales de esas sociedades anónimas...⁷

O texto acima, do arqueólogo e pré-historiador Glyn Daniel, foi apresentado em uma série de conferencias na Universidade de Birmingham, nos anos de 1956-57, com a intenção de discutir o estudo e o conceito da pré-história no mundo até meados de 1950. Neste texto registramos a presença da definição do estudo da pré-história e as dificuldades encontradas pelos pesquisadores na análise desse grande período do passado humano, que vai do seu surgimento na terra até o aparecimento da escrita.

Nota-se atualmente, meio século depois, muitas pessoas, leigos e cientistas, confundem-se ao definir as relações entre as ciências que estão ligadas pelo seu principal objetivo que é o conhecimento abrangente do homem como ser social, o que vai diferenciar essas ciências serão os métodos por elas utilizadas na busca de seus objetivos.⁸ Sobre essa confusão, o arqueólogo André Proust, apresenta as ciências correlatas e as definições de cada uma:

⁷ DANIEL, Glyn. El concepto de prehistoria. p.120-121

É freqüente as pessoas confundirem-se quando se trata de definir as relações entre as disciplinas conexas como Arqueologia, História, Pré-história, Paleontologia, etc. a paleontologia é o ramo da Biologia (estuda as forma de vida) que trata dos seres (vegetais, animais ou humanos) extintos; preocupa-se, portanto, essencialmente com os corpos. A História tem por objetivo de estudo as sociedades, numa perspectiva diacrônica, abordando essencialmente os que possuem escrita. As sociedades sem escrita do passado são, pois, o campo da Pré-história, enquanto a cultura de povos ágrafos atuais ou recentes são principalmente investigados pela Antropologia Cultural.⁹ (grifo do autor)

A grande diferença entre a pesquisa pré-histórica e a pesquisa histórica será, portanto, suas fontes por elas estudadas. Enquanto o historiador trabalha com fontes escritas, na sua grande maioria documentos escritos, o pré-historiador irá utilizar fontes não escritas para estudar as sociedades ágrafas. A partir dessas fontes não escritas, chamadas por André Prous de vestígios materiais, já outros arqueólogos, como Madu Gaspar, as chamam de cultura material¹⁰. A única maneira conhecida de se trabalhar essa cultura material será utilizando métodos e técnicas arqueológicas. Pensando dessa maneira a arqueologia seria apenas mais uma disciplina auxiliar da história, por conseguinte, da pré-história.¹¹

Essa classificação da arqueologia como ciência auxiliar da história não é aceita por alguns arqueólogos, principalmente o arqueólogo australiano Gordon Childe, onde ele afirma que a arqueologia é uma forma de história, o que a diferencia são seus documentos históricos, chamados dados arqueológicos.

Os dados arqueológicos são documentos históricos por direito próprio e não meras abonações de textos escritos. Exactamente com qualquer outro historiador, um arqueólogo estuda e procura reconstituir o processo pelo qual se criou o mundo em que vivemos e nos próprios, na medida que somos criatura do nosso tempo e do nosso ambiente social.¹²

⁸ PROUS, André. Arqueologia, Pré-história e História. In: TENÓRIO, Maria Cristina. (org.). **Pré-história da terra brasílis**. p.19

⁹ Ibid. p.19

¹⁰ "Os objetos de pedra, de osso, as marcas de habitação, as alterações realizadas na paisagem; a combinação desses elementos são os indicadores da ocupação de uma determinada região. São esses elementos que subsidiam a interpretação arqueológica." GASPAR, Maria Dulce. Os ocupantes pré-históricos do litoral brasileiro. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). Op. cit., p.159

¹¹ PROUS, André. Arqueologia, Pré-história e História. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). Op. cit. p. 19

¹² CHILDE, V. Gordon. **Introdução a arqueologia**. p. 09

Outro ponto importante da pesquisa histórica apontada por Childe é que a história é a história do pensamento. E afirma que um pensamento só tem significado histórico se exprimir uma ação social.¹³ Por isso, os dados arqueológicos ou cultura material constituem expressões de pensamento e nos fornecem informações da cultura dos povos que a usaram.

Será a partir das técnicas arqueológicas que o pré-historiador poderá localizar, analisar e interpretar a cultura material de determinado grupo humano. Onde, estes materiais encontram-se depositados no solo ou abaixo dele em localidades denominadas sítios arqueológicos, que são “locais onde, por razões específicas, foram preservados vestígios reconhecíveis da presença e das atividades do homem.”¹⁴

Estes vestígios não terão importância científica se foram estudados isolados, devemos estudar também o contexto em que os materiais estão inseridos, não tendo essa preocupação os vestígios coletados na pesquisa arqueológica ou pré-histórica se tornarão peças de museu ou de coleções particulares sem valor científico algum. Será a relação da estratigrafia, estudo da posição dos materiais no terreno, com os materiais nele encontrados¹⁵. Com esta análise o pré-historiador deverá se preocupar em sua pesquisa em analisar o contexto geográfico que o sítio esta inserido. Isso ocorre por causa da estreita relação existente entre o homem e o meio em que o mesmo está inserido, pela sua dependência com a natureza, na busca de alimento, de água e de matéria-prima para a confecção dos instrumentos utilizados pelo homem primitivo. Por também trabalhar aspectos naturais, o arqueólogo deverá utilizar outras ciências que o auxiliará na pesquisa.

*Para reconstruir o clima, a paisagem e a vegetação do passado, os arqueólogos contam com ajuda de geomorfólogos e dos palinólogos (estes últimos estudam os microscópicos grãos de pólen fossilizados que se conservam em certos sedimentos); desta forma trabalhando em conjunto, arqueólogos, geólogos e biólogos conseguem identificar e datar as mudanças ambientais ao longo dos milênios.*¹⁶

¹³ Ibid. p. 11

¹⁴ PROUS, André. **O povoamento da América visto do Brasil: uma perspectiva crítica**, p. 11.

¹⁵ LEROI-GOUHRAN, André. **A Pré-história**, p.213.

¹⁶ PROUS, André. **Arqueologia, Pré-história e História**. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). **Op. cit.** p.25.

Onde o pré-historiador a partir da interpretação da cultura material e a sua relação com o ambiente natural, este irá propor um quadro cultural dos grupos pré-históricos. Dando aos mesmos um quadro cronológico, espacial e tecnológico dos primeiros habitantes do território norte riograndense e brasileiro.

Para conseguirmos montar esse quadro cultural, precisamos primeiramente localizar as fontes arqueológicas ou históricas dessa cultura. Sendo assim a pesquisa pré-histórica deverá se preocupar inicialmente na localização dos vestígios arqueológicos, portanto, localizar os sítios arqueológicos.

1.1 Métodos e técnicas arqueológicas

O estudo dos grupos humanos pré-históricos estão relacionados a pesquisa arqueológica. Esta está dividida em várias etapas:

... preparação documental preliminar ao trabalho de campo, identificação de sítios (prospecção, survey), estudos dos sítios em campo (sondagens, escavações, registros diversos), análise da documentação levantada (vestígios diversos e documentos gráficos) em laboratórios de arqueologia, assim como análises complementares realizadas em laboratórios de outras áreas; enfim a divulgação.¹⁷

Como o nosso objetivo nessa pesquisa é a busca das fontes históricas, sítios arqueológicos, utilizada pelo pré-historiador em sua pesquisa. Iremos apresentar as duas primeiras etapas da pesquisa arqueológica. As outras etapas não poderão ser realizadas pelo tempo de desenvolvimento da pesquisa de cada etapa, escavações arqueológicas e análise de material em alguns trabalhos levam anos para serem terminados¹⁸. Por esses fatores que estas etapas não foram realizadas, nem tinham como ser feitas. A realização dessas etapas sem tempo hábil e estrutura levará a perda de todas as informações existentes nos sítios arqueológico para sempre.

PERDA!

¹⁷ Ibid. p. 22.

¹⁸ A pesquisa arqueológica realizada pela arqueóloga Gabriel Martin na região do Seridó, no interior do Estado do Rio Grande do Norte, foi iniciado nos anos 1980 e ainda estão em andamento. Sobre este trabalho ver MARTIN, Gabriela. **Pré-história do nordeste do Brasil**. p. 109.

... Cada observação registrada tem com preço a perda definitiva de um certo número de outros, porque toda a escavação é uma destruição de informações.¹⁹

Este aspecto caracteriza a pesquisa arqueológica uma vez trabalhada um sítio arqueológico este desaparecerá, não o material depositado nos sítios, mas sim a sua relação com o ambiente. Já o historiador poderá voltar para suas fontes sempre que precisar. O arqueólogo, neste aspecto, é o maior destruidor de sítios arqueológicos. /

Outro motivo que nos leva a não realização da escavação e análise de laboratório de possíveis materiais arqueológicos coletados é as apresentadas por Pedro Augusto Mentz Ribeiro:

Nunca escavar sem conhecimentos técnicos ou teóricos; nunca sem Ter os meios necessários ou só para fazer coleção; deve haver um problema concreto a resolver. Sem autorização não devemos escavar. As prospecções é que vão indicar-nos os melhores locais para uma escavação e as prioritárias.²⁰ /

A pesquisa documental preliminar deverá ser realizada através de uma consulta bibliográfica de uma região pré-estabelecida, ver se existe alguma referencia ou trabalho dessa área da região, servindo na identificação de indícios. Esta busca de informação se prolongará para as obras de cronistas, o estudo cartográfico em mapas clássicos e atuais, ao folclore da região. Sobre esse último ponto, o arqueólogo Louis Frédéric afirma: /

*... o arqueólogo "a caça" terá a prudência de dar atenção aos mitos e lendas e de estudar o folclore de uma região habitada se propõe procurar ai uma estação arqueológica (sítio arqueológico) . Não há fumo sem fogo, diz o provérbio. Igualmente se poderia acrescentar: não há superstições, mitos crenças, costumes folclóricos, sem fundamento lógico. Os camponeses, homens ligados à terra, os pastores, homens simples, se não compreendem todos os fenômenos, sabem, entretanto, observa-los, notavelmente. As coisas que eles não podem explicar impressionam fortemente a sua imaginação."²¹
(grifo nosso)*

¹⁹ MOBERG, Carl Axel. *Introdução à arqueologia*. p. 20.

²⁰ RIBEIRO, Pedro A. Mentz. *Manual de introdução à arqueologia*, p.24.

²¹ FRÉDÉRIC, Louis. *Manual prático de arqueologia*. p.56

O relato dos missionários, clérigos, bandeirantes, viajantes, naturalistas e eruditos com os objetivos mais diversos, deixaram registrados referências sobre a presença de indícios direta ou indiretamente em suas obras. Principalmente em relação de um tipo de indício, os registros rupestres, sendo estes facilmente identificáveis. Em sua dissertação de mestrado, o arqueólogo Roberto Airon Silva, trabalha este tipo de levantamento, em que ele denomina “arqueologia de relatos”²² e fala da importância desse levantamento:

*O objetivo foi fazer um levantamento bibliográfico sobre registros rupestres no Ceará, analisar esses dados, classificando os autores e seus trabalhos, e mapeando as localizações que esses trabalhos forneceram a respeito dos registros rupestres no estado, tornando possível a sua utilização no futuro.*²³
(grifo nosso)

Junto com essa pesquisa bibliográfica, o arqueólogo deverá se preocupar em realizar um estudo da toponímia, pois “alguns lugares falam por si próprios.”²⁴ Estes nomes são importantes indícios da presença de sítios arqueológicos. O estudo da toponímia ou ciência dos nomes dos lugares, abre por vezes à arqueologia novos horizontes de investigações, quando remonta à efeito, um seguro indício quanto aos antigos habitantes que se estabeleceram no local.²⁵ Este estudo do nome dos lugares realiza-se no levantamento preliminar em mapas, onde registram-se nomes de localidades e regiões, como riachos, serras, comunidades, entre outros.

Após o levantamento preliminar, o arqueólogo partirá para a identificação dos sítios. Ela tem como a principal finalidade a confirmação dos dados levantados na pesquisa bibliográfica e toponímica, como também buscar novas informações junto à comunidade que vive no local sobre a existência de vestígios que comprovem a passagem dos antigos habitantes da região. Onde Louis Frédéric cita algumas a serem procuradas para se Ter informações sobre a existência de indícios:

Os secretários dos municípios, os arqueólogos amadores, os empregados dos correios, os caçadores, são pessoas bem informadas e que conhecem

²² SILVA, Roberto Airon. Os registros rupestres do Ceará: as contribuições de viajantes, eruditos, historiadores e etnólogos.p.29

²³ Ibid. p.12

²⁴ FRÉDÉRIC, Louis. Op. cit. p. 57

²⁵ Ibid. p. 38

*bem a região: será bom interrogá-las. Importantes descobertas foram por vezes devida à sagacidade e a observação de um camponês.*²⁶ (grifo nosso)

Muitos sítios arqueológicos foram localizados por acaso, como os belíssimos registros rupestres de Altamira e de Lascaux, na Espanha e França respectivamente. Estes importantes sítios arqueológicos foram encontrados por pastores.

Nesta busca por indícios junto à comunidade, o pesquisador ~~trabalhará~~ ^{pode trabalhar} termos ou nomes populares que estão relacionados com sítios arqueológicos ou com a cultura material depositadas nos mesmos. Pela falta de conhecimento científico, os moradores tentam achar explicações para o que não conhecem. Algumas dessas explicações podem ser generalizadas. Sobre registros rupestres, os populares chamam de pedra do letreiro²⁷, pedra pintada, pedra ferrada, pinturas e as relacionam com os antigos habitantes da região, a quem eles denominam caboclos²⁸. Para a cultura material, a população utiliza os mesmos como amuletos da sorte ou de proteção. Onde esse material é conhecido pelo nome “pedra de corisco” ou “pedra de raio”, estes materiais estão diretamente relacionados a ferramentas fabricados através do polimento da rocha; sendo machados, batedores, mãos-de-pilão, entre outros.

Pode-se localizar indícios da ocupação pré-histórica através da busca pela matéria-prima utilizada por esses grupos na fabricação do material. Para a técnica de lascamento são utilizadas as rochas do tipo calcedônia e sílex²⁹, que poderão ser encontrados no estado bruto na natureza, afloramentos, ou como instrumentos ou restos de debitagem, onde sofreram a ação humana. A comunidade conhece essas rochas pelo nome de “pedra de fogo” ou “pedra de figado de galinha”, isto ocorre pelo fato desse material liberar centelhas quando entram em contato com outro material, e também pela coloração semelhante ao órgão das aves.

²⁶ FRÉDÉRIC, Louis. Op. cit. p. 58

²⁷ “Em todos os sertões do Brasil, se encontram, nos talhados de pedra das serrotes ou nas rochas na beira dos rios, inscrições estranhas, profundamente gravadas, revelando a existência de uma pictografia anterior ao descobrimento” CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**, p. 696

²⁸ “O indígena, o nativo, o natural; mestiço de branco com índia; mulato acobreado, com cabelo corrido. Fazia provir de cobre, cor de cobre, avermelhado. Diz-se comumente do habitante dos sertões, caboclo do interior, terra de caboclos, desconfiado como caboclo. (...) registra a sinônima tradicional do caboclo: caburé, caboverde, cabra, cafuz, curiboca, cariboca, mameluco, tapuia, matuto, restingueiro, caipira.”(grifo nosso) CASCUDO, Luís da Câmara. Op. cit. p. 210

²⁹ Para a geologia, sílex e calcedônia são a mesma rocha. Essa separação só é utilizada na arqueologia.

Chegando ao local indicado pelos dados levantados e a confirmação da presença de indícios pré-históricos, o arqueólogo deverá coletar informações referentes ao meio em o mesmo está inserido, o estado de conservação do sítio, e o tipo de material arqueológico depositado no sítio.

Com essas informações em mãos o arqueólogo poderá determinar, na zona prospectada, em relação aos objetivos de sua pesquisa, se o pesquisador está trabalhando com registros rupestres este dará mais importância aos sítios que apresentem este tipo de vestígio arqueológico, para agilizar e reduzir os custos da pesquisa. Haverá sempre muitos sítios arqueológicos que não serão estudados, pela falta de tempo e a falta de material para a pesquisa. Todos esses fatores o pesquisador deverá ter em mente na hora de realizar sua pesquisa, onde a dificuldade maior está na escolha dos sítios que será estudado até o fim.

1.2 A conservação das fontes pré-históricas

Uma das grandes preocupações existentes hoje na pesquisa pré-histórica é a conservação dos sítios arqueológicos, sendo essas as fontes ou documentos pré-históricos que auxiliarão os arqueólogos ou pré-historiadores em interpretar a cultura dos povos pré-históricos.

Esta preocupação parte também dos órgãos responsáveis pela fiscalização e conservação do patrimônio arqueológico do Brasil. Sobre esta preocupação a arqueóloga Edna June Morley, profissional ligada ao Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico nacional (IPHAN), fala sobre a situação que se encontram os sítios arqueológicos e a falta de interesse da população brasileira sobre esse assunto:

... o Brasil dispõe de um rico patrimônio arqueológico, porém pouco conhecido pela grande maioria da população a qual, ignora não só a importância desses vestígios como também a situação em que encontram. A consequência mais dramática deste conhecimento é claramente percebido ao serem constatados os altos índices de destruição de sítios, uma vez que se considera que mais da metade dos vestígios arqueológicos existentes no Brasil do início do século perderam-se para sempre.³⁰

³⁰ MORLEY, Edna June. Como preservar os sítios arqueológicos brasileiros. In: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.). Op. cit. p. 372

A arqueóloga ainda enumera os fatores que levaram e levam a essa constante destruição do nosso patrimônio arqueológico, e como foi dito anteriormente, uma vez mexido ou destruído os dados arqueológicos existentes nesses sítios se perderão para sempre.

*... o crescimento das cidades, a abertura de estradas, a construção de hidrelétricas e outras obras tão necessárias ao desenvolvimento de um país foram ao nosso tempo, responsáveis pela devastação de grandes áreas onde, no passado, as populações pré-históricas haviam construído seus pensamentos e aldeias.*³¹

Além dos fatores apresentados acima, que na maioria são interferências realizadas pelo homem, temos também a utilização dessas áreas para a prática da agricultura e do turismo ecológico ou eco-turismo³². A falta de conhecimento da população brasileira sobre a importância dos sítios, leva essa mesma população a prática de vandalismo nestes locais.

Junto com esses fatores antrópicos de destruição de sítios, verificamos a presença de fenômenos naturais que interferem diretamente na conservação dos sítios arqueológicos e da cultura material depositada nos mesmos. Isto se dá por causa da inserção do território brasileiro na zona tropical úmida, dificultando a conservação dos vestígios e a proteção dos sítios arqueológicos. O arqueólogo André Prous enumera os principais fatores naturais que auxiliam na destruição e má conservação dos sítios:

A acidez dos solos tropicais provoca o desaparecimento de numerosos microfósseis e dos ossos em poucos séculos. (...) A alternância de estações secas e chuvosas e a importância da atividade bioquímica devido ao calor úmido do solo explicam a destruição rápida de matérias orgânicas como sementes, instrumentos de madeira, somente preservados em abrigos secos. (...) As formas de erosão dominam sobre as de deposição, destruindo assim a estrutura dos sítios, que tendem a se tornar superficiais ou a serem inundadas no vales principais pelos represamentos. Os artefatos pré-históricos ainda existem, mas isolados de seu contexto cultural e

³¹ Ibid. p. 373

³² O eco-turismo é posto por nós como fator de destruição de sítios arqueológicos, pelo motivo de não existir profissionais especialistas no manejo de sítios arqueológicos nas equipes que desenvolvem projetos e planos turísticos.

*cronológico. (...) a mata dificulta a prospecção e os poucos sítios conhecidos estão quase exclusivamente à margens dos rios principais...*³³

Todos esses fatores apresentados, sendo eles antrópicos ou naturais, levam o pesquisador a se questionar se deve ou não realizar uma escavação minuciosa, e por isso demorada e cara, ou escavações rápidas na tentativa de obter uma idéia geral da cultura aí inserida. Onde essa dúvida leva o pesquisador há uma escolha de qual sítio arqueológico ele deve pesquisar primeiro e qual o tratamento que deverá ser dado ao sítio? “Grande responsabilidade, uma vez que o sítio hoje não escavado talvez seja destruído amanhã pelo arado ou pela dinamite”.³⁴ Uma das soluções encontradas pela arqueologia brasileira são os chamados salvamentos arqueológicos ou arqueologia de contrato que resolveu alguns problemas da pesquisa, principalmente a busca de recursos que financiassem a pesquisa. Na construção de qualquer obra de grande porte, sendo elas públicas ou privadas, as empresas que realizam a obra são obrigadas por lei em financiar pesquisas sobre o impacto sócio-ambiental de seus projetos, e entre esses estudos está o da pesquisa arqueológica. Alguns pesquisadores fazem ressalvas para esse tipo de pesquisa, onde os pequenos prazos dados pelas empresas acabam desvalorizando as informações e conclusões das pesquisas.

Decidimos terminar este capítulo de nossa monografia transcrevendo um apelo feito por Pedro Augusto Mentz Ribeiro, em sua preocupação na conservação dos sítios arqueológicos. “É urgente salvar sítios arqueológicos”.³⁵

³³ PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. p. 32-33

³⁴ *Ibid.* p. 34

³⁵ RIBEIRO, Pedro A. Mentz. *Op. Cit.* p. 26

CAPÍTULO 02:

Os Vestígios arqueológicos

2.1 Vestígios Humanos

Os dados a serem pesquisados em um sítio cemitério, ou seja, que apresente restos humanos, auxiliarão na pesquisa pré-histórica no sentido de esclarecer questões dos povos primitivos em relação ao seu comportamento e cultura. Isto ocorre porque essas sociedades pré-históricas sempre se preocuparam com o tratamento dado aos seus mortos e por esse motivo realizaram rituais fúnebres, muito variados, podendo ser simples, cavando uma cova, ou mais complexos, tendo uma preocupação com a posição do corpo e nos objetos enterrados junto com os corpos. Através desses estudos os arqueólogos podem identificar características físicas e patológicas de grupos humanos, como também aspectos culturais dos mesmos.

Existe uma carência na pré-história do nordeste esse tipo de sítio, fato explicado pela acidez do solo brasileiro onde só em ambientes muito especiais ocorre uma boa conservação de tipo de vestígio arqueológico. E também por causa da falta de confiança de alguns arqueólogos, pois muitos desses achados foram escavados por não arqueólogos.

O conhecimento que temos dos rituais funerários no interior do Nordeste apóiam-se, principalmente, em quatro sítios-cemitérios, escavados total ou parcialmente por arqueólogos. Na ordem cronológica, são eles a Gruta do Padre, a Furna do estrago, o Abrigo Pedra do Alexandre e o Sítio do Justino: essas quatro necrópoles foram utilizadas durante longos períodos de tempo e houve mudanças no ritual funerário.³⁶

Essas informações levantadas serão trabalhadas em conjunto com o estudo da etnologia e etnografia brasileira, que nos fornecem dados sobre os rituais indígenas. Sabendo desses fatos, as populações pré-históricas realizaram vários tipos de ritus funerários, coma a inumação e a incineração, com enterramentos primários e secundários, onde a primeira precede a Segunda. A arqueóloga Gabriela Martin relaciona algumas informações que podem ser identificadas através da pesquisa desses vestígios.

³⁶ MARTIN, Gabriela. Op. Cit. p. 283

Como formas de inumação primárias relacionam-se:

- a) *sepulturas em cova individual, com corpo de posição lateral fletida e ausência de mobiliário fúnebre; b) corpos de posição lateral fletida, com enxoval funerário consistente em colares de contas e pingentes de osso, de conchas marinhas, de pedra e de dentes de animais. Espátulas, apitos e flautas aparecem também nos enterramentos masculinos; c) utilização de fibras trançadas, desde de datas muito antigas, para embrulhar os corpos ou para forrar a cova onde o morto será depositado e registra-se o uso de cestas de fibras para enterrar crianças e bolsas de fibras trançadas como mobiliário; d) prática de se acender uma fogueira no lugar do enterramento, não para queimar o corpo, mas como forma ritual ou purificadora; e) separação ritual da cabeça, do tronco; f) utilização de vasilhames cerâmicos, de vários tamanhos e formas, como mobiliário fúnebre acompanhando o morto, às vezes cobrindo parte de seu corpo; g) deposição em urnas cerâmicas como corpo em posição fletida.*

Entre os rituais secundários assinalam-se:

- a) *enterramentos coletivos com os ossos cuidadosamente arrumados e pintados de vermelho, em cova forrada em lajes de pedra; b) ossos de crianças pintados e cobertos de pigmento vermelho finamente peneirado; c) incineração total e parcial dos corpos; ossos calcinados e cinzas depositadas em covas em abrigos sob-rochas; d) deposição das cinzas e ossos queimados em urnas funerárias; e) enterramentos secundários em urnas com inumação dos ossos depois de limpos.*³⁷

As informações existentes sobre este tipo de vestígio no estado do Rio Grande do Norte são poucas, as que temos, são referente ao sítio Pedra do Alexandre localizado na região do Seridó, onde se registraram a datação mais antiga do nordeste, 9.400 anos BP³⁸ e datações que vão até o período de 2.620 anos BP. Foram identificados enterramentos de indivíduos adultos e de crianças. Nos enterramentos com datações entre 4.000 e 4.700 anos

³⁷ Ibid. p. 291

³⁸ A abreviação BP significa before presente, que em português significa “antes do presente”. Esta é uma periodização arqueológica relacionada a descoberta datações pelo carbono 14 em 1950. Lê-se então “antes de 1950”.

BP, se registraram os rituais mais complexos, com a presença de uma grande variedade de objetos, como colares, e os ossos foram pintados de vermelhos.³⁹

*A variedade de rituais funerários no sítio do Alexandre justifica-se pela grande separação cronológica existente entre os diversos enterramentos e sem mobiliários fúnebres mas, até a fase final de utilização do abrigo, sucederam-se as duas formas rituais de enterramento: primários e secundários.*⁴⁰

2.2 Vestígios Líticos

Na sua grande maioria, os arqueólogos estudam o passado a partir de artefatos líticos único material que resiste ao tempo, grande inimigo dos pesquisadores. O arqueólogo deverá distribuir esses artefatos em categorias classificatórias, onde possamos realizar um estudo dos artefatos e de suas indústrias. Para isso, utilizamos a ciência classificatória, chamada de tipologia:

*Em arqueologia pré-histórica, a tipologia é o principal, às vezes o único meio do que dispomos para definir uma cultura, para estudar sua evolução nas camadas sucessivas de um sítio, para determinar geograficamente os limites de uma cultura.*⁴¹

A tipologia trabalha os artefatos líticos a partir de três critérios fundamentais, o morfológico, o tecnológico e o funcional. Para entendermos este tipo de estudo, apresentamos a seguir o exemplo dado por André Prous:

... um tipologia de cunho morfológico permitira distinguir, pela forma, um machado francês de lenhador, com ferro retangular, de um machado de gume duplo da Creta antiga. Se for empregada uma tipologia de cunho tecnológico, poderemos opor um machado de pedra polida a outro de metal forjado. Uma tipologia de cunho funcional poderá separar uma faca, com

³⁹ Ibid. p. 283

⁴⁰ Ibid. p. 285

⁴¹ LAMING-EMPERAIRE, Annete. Guia para o estudo das culturas líticas da América do Sul. p. 13

gume que funciona por pressão linear (para cortar), de um punhal, com dois gumes e uma ponta, que funciona por pressão punctiforme (para perfurar).⁴²

Esta pesquisa serve para comparar o material lítico de vários sítios arqueológicos ou do mesmo, mas em níveis arqueológicos diferentes. Saber se são ou não do mesmo grupo ou horizonte cultural.

A tipologia morfológica trabalha com objetos inteiros ou pouco fragmentados, com o objetivo de conhecermos o seu formato. Por esse motivo ela se torna limitada ao deixar de lado os objetos quebrados e isso é um erro pela raridade de se encontrar objetos inteiros. Já a funcional acaba generalizando as funções ou as finalidades de um artefato, onde não sabemos para que função o instrumento foi produzido.

A pedra é utilizada na fabricação de instrumentos para moer (mós, mãos de pilão), bater (batedores, martelo), cortar (facas), perfurar (flechas, furadores), talhar (machados, enxós) e alguns minérios utilizados como corantes.⁴³

Para descrever uma indústria lítica, não podemos nos limitar a definições gerais (como as facas, raspador, machado enxó, por exemplo), uma vez que os tipos gerais são praticamente universais, aparecem em todas as culturas e não caracterizam nenhuma. O encontro de uma "faca" ou de um "raspador" de pedra em camada arqueológica, sem outras especificações não tem quase nenhum significado.⁴⁴

A tipologia tecnológica, onde o arqueólogo estuda a maneira como o artefato foi confeccionado, desde a escolha da matéria-prima até a retirada das lascas, tendo assim no final um instrumento.

A escolha da matéria-prima se faz através das características da rocha e a que tipo de função o artefato final será utilizado, estas rochas estão inseridas em duas grandes categorias: as frágeis e as resistentes. Onde as frágeis "são aquelas que, recebendo um golpe perto de uma quina, solta uma lasca"⁴⁵. Produzindo na maioria das vezes instrumentos de corte. As rochas dessa categoria são o basalto, o quartzito, o sílex, o

⁴² PROUS, André. Os artefatos líticos, elementos descritivos classificatórios. p.03

⁴³ PROUS, André. Arqueologia brasileira. p. 42

⁴⁴ LAMING-EMPERAIRE, Annete. Op. Cit. p. 15

⁴⁵ PROUS, André. Op. Cit. p. 60

quartzo, a calcedônia e diversas formas silicosas.⁴⁶ Já as resistentes são aquelas “que apesar de ser bem mole, uma batida vai provocar somente o desprendimento da matéria em forma de pó, deixando uma cicatriz pequena”.⁴⁷ As rochas mais freqüentes no Brasil são a gnaiss e o granito.

Essas matérias-primas serão utilizadas em seu estado natural ou trabalhadas pelo homem, que transformarão essa matéria-prima em um instrumento. As transformações podem ser realizadas através de várias técnicas, a de lascamento, picoteamento, polimento e variantes das anteriores. Essa escolha se dará em relação à função do instrumento.

O lascamento fornece gumes bicôncavos altamente cortantes, mas, no entanto frágeis. Esta técnica é portanto, utilizadas para trabalhos de corte por pressão ou perfuração (facas, furadores, pontas de flecha), enquanto que instrumentos que necessitam de gumes mais robustos (machados), o polimento será mais eficiente, dando um gume biconvexo forte, embora menos agudo. O picoteamento será menos utilizado sobretudo para obter formas que o lascamento não permite conseguir ou para aumentar a aderência da parte proximal de um machado no cabo, pela rugosidade da superfície.⁴⁸

As técnicas de lascamento podem ser do tipo unipolar, onde um artesão (homem pré-histórico) segura a matéria-prima em uma das mãos e com a outra segura o batedor. Escolhendo a superfície adequada, o artesão irá bater nela até retirar uma lasca. Esse lascamento unipolar é dividido em percussão direta com percutor duro, geralmente pedra do tipo resistente; percussão direta com percutor mole, de madeira, chifre de veado ou osso. Temos também a percussão indireta, sendo inserido um objeto entre o batedor e a matéria-prima, chamado de punção, de madeira ou chifre e espatifamento, quando a matéria-prima é arremessada contra outro bloco. Para trabalhos mais delicados utiliza-se a técnica por pressão geralmente chifre. O que vai diferenciar estas técnicas e maneira que poderemos identifica-las são observando as características deixadas na lasca e no núcleo.⁴⁹

⁴⁶ Ibid. p.60

⁴⁷ Ibid. p.60

⁴⁸ Ibid. p. 61-62

⁴⁹ Ibid. p. 65-67. Para se conhecer as características de cada técnica ver Annete Laming-Emperaire e Tom Oliver Miller, nas obras Guia para o estudo das culturas líticas da América do Sul e Tecnologia Lítica Arqueológica respectivamente.

Outro tipo de lascamento é o bipolar, onde a matéria que será debitada é colocada sobre uma bigorna e em seguida golpeada pelo batedor. Nesta técnica não aparece uma preocupação da parte do batedor de escolher a superfície a ser debitada. Algumas vezes para melhorar o lascamento realiza-se um tratamento térmico na rocha.⁵⁰

O homem pode fabricar seus instrumentos das lascas retiradas do núcleo ou então se trabalhará o bloco de pedra até este se torna o instrumento desejado. Neste processo, blocos, estilhaços e lasquinhas são abandonados. O arqueólogo analisará os instrumentos fabricados junto com o refugo do lascamento, formando assim a indústria lítica.

O picoteamento e polimento são técnicas recentes no Brasil, mas estas técnicas não substituíram, como se pensa, o lascamento sendo as duas desenvolvidas paralelamente. Estas técnicas podem ser realizadas em qualquer tipo de rocha, resistentes ou frágeis, e são empregadas na produção do mesmo tipo de artefato.

O picoteamento é obtido através percussão repetida de uma superfície por um batedor, o que provoca seu esfarinhamento, com consecutiva abrasão progressiva. (...) O polimento é obtido esfregando-se uma pedra sobre um polidor pelo menos tão duro quanto ela, com ajuda de abrasivo (areia e sílica) e de freqüentes lavagens de água.⁵¹

Podemos ter uma idéia de como são realizados os estudos dos vestígios arqueológicos do tipo lítico, principal fonte de informação da cultura dos grupos humanos que ocuparam o Brasil no período da pré-história.

Sobre o Rio Grande do Norte, até o presente momento poucas informações são encontradas sobre as indústrias líticas dos grupos pré-históricos. As informações mais seguras dessas indústrias vem das obras de André Prous e Gabriela Martin, “Arqueologia Brasileira” e “Pré-história do Nordeste do Brasil”, respectivamente. Existem outras publicações de indústrias líticas do nosso estado, do arqueólogo Armand François Gaston Laroche, mas alguns arqueólogos são céticos sobre as análises realizadas e as conclusões do mesmo sobre este tipo de vestígio, como a de André Prous:

⁵⁰ Ibid. p. 67-68

⁵¹ Ibid. p. 77

... A. Laroche assinala a existência, no estado, de pontas foliáceas bifaciais “lembrando a de clovis”, (fóssil guia do paleoíndio norte-americano) e peças de quartzo leitoso sem acanaladura (por isso discordamos do diagnóstico). Estes artefatos foram achados sem contexto arqueológico.⁵²

Ainda em relação à crítica das análises de Laroche, a arqueóloga Gabriela Martin nos fala, confirmando e complementando a crítica acima:

No desejo de filiar essas pontas a uma tradição de caçadores arcaicos, A. G. Laroche as batizou de “Tradição Potiguar”, mas, foi ao menos, uma filiação apressada, pois não se poderiam filiar essas pontas a nenhum horizonte cronológico nem cultural porque não se conhecem os sítios onde foram coletados. (...) existem pontas de lança biconvexas, finamente trabalhadas com retoques milimétricos no gume, flechas triangulares com pendunculo e gume denticulado e pontas foliáceas e de rabo de peixe, além de algumas pontas com polimento. Em consequência, uma classificação cuidadosa das coleções existentes indica técnicas, matéria-prima e lugares dos achados bem diferentes, e que podem estar separados por grandes distâncias cronológicas.⁵³

De acordo com essas duas publicações, o que se conhece das indústrias líticas no Rio Grande do Norte vêm do sítio Angico, localizado na região do Baixo Assú, onde foram realizadas pesquisas de salvamento arqueológico da área que veio a ser ocupada pela barragem Armando Ribeiro Gonçalves, obra e pesquisa financiadas pelo Departamento Nacional de Obras de Combate a Seca. Essas pesquisas foram realizadas pelos arqueólogos Tom Oliver Miller e Vicente Giancott, ambos pesquisadores do departamento de Arqueologia do Museu Câmara Cascudo, órgão ligado a Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Não temos publicações dos resultados das escavações e das pesquisas de laboratório do material coletado e sim entrevistas realizadas pelos autores das obras citadas anteriormente com os arqueólogos responsáveis pelo projeto de salvamento. Estes entrevistas foram separadas e pelo ano de publicação das obras em épocas distintas, por haver descrições diferentes sobre essa pesquisa em cada obra.

André Prous nos descreve a existência de grandes pavimentos com concentração de jaspe e calcedônia, fonte de matéria-prima. Foram identificadas a existência de sítios do

⁵² Ibid. p. 192

⁵³ MARTIN, Gabriela. Op. Cit. p. 155

tipo oficina e uma indústria de seixos tosca, dificultando a diferenciação dos instrumentos antrópicos dos naturais. E termina transcrevendo informações fornecidas oralmente por Vicente Giaccott, durante uma visita ao Museu:

O projeto de salvamento do vale do rio Açã fez com que fossem encontrados dentro de matriz arenosa um grande número de seixos fraturados, trazidos das ravinas pelos homens pré-históricos. As peças retocadas são muito raras, destacando-se algumas lascas de sílex e jaspe, cuja a fonte se encontra a 50 quilômetros. As numerosas sondagens foram testes estratigráficos de pequenas dimensões; no entanto, em dois deles foram observadas marcas de postes espaçados regularmente.

O sítio Angico forneceu uma estratigrafia bem nítida. Embaixo dos níveis com cerâmica que ocupam 40 centímetros superiores, vários componentes pré-cerâmicos aparecem dentro de lentes argilo-arenosas depositadas pelo rio. Embaixo, uma camada de argila contém dois níveis líticos antigos, datados de 8000 e 9000 BP. A base do sítio é formada por um cascalhão estéril. O nível arqueológico inferior se caracteriza por uma indústria de lascas retocadas unifacialmente, às vezes plano-convexas, e deve pertencer ao mesmo grupo das outras indústrias com lesmas do Holoceno inicial, dos estados de Minas Gerais e Goiás. Em uma das sondagens, o nível inferior apresentou uma fogueira circular ao redor da qual estava espalhado o refugo de debitage⁵⁴. Havia buracos de postes na região periférica. O sítio Angico promete portanto, ser um dos mais interessantes para a reconstrução cultural do Rio Grande do Norte.⁵⁵

⁵⁴ “A palavra debitage não existe na língua portuguesa. Trata-se de um neologismo, do francês *debitage*. Significa lascamento e aplica-se especialmente para as lascas resultantes da preparação de um artefato lítico. O termo já popularizado vem sendo usado por arqueólogos brasileiros. Ibid. p. 154

⁵⁵ PROUS, André. Op. Cit. p. 192

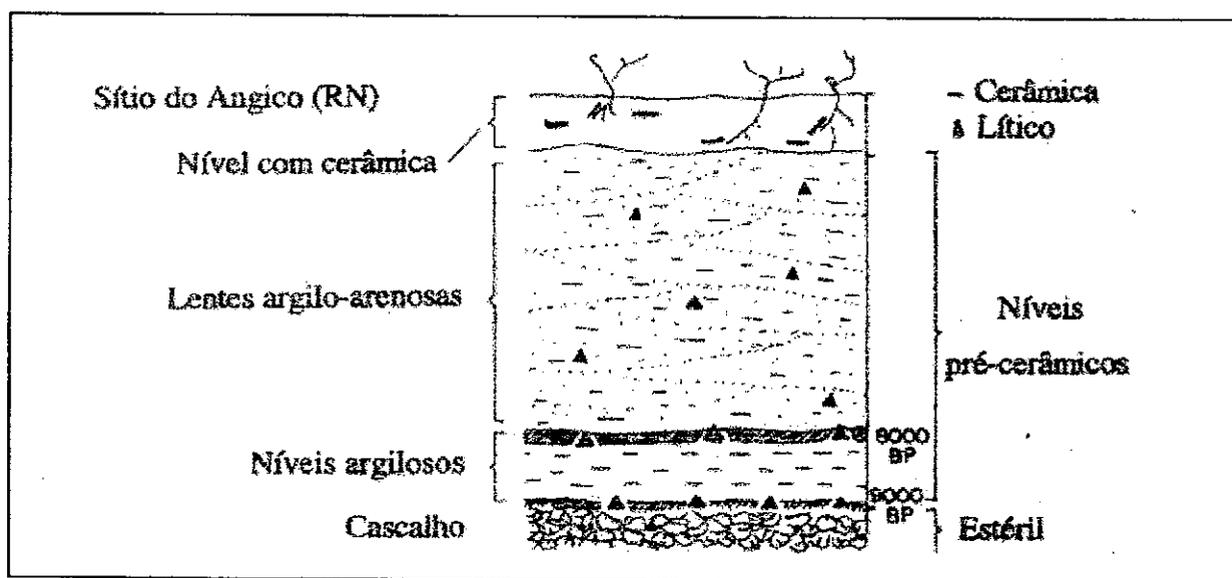


Figura 01: Níveis estratigráficos do sítio Angico pesquisado por Vicente Giancotti, no município de Angicos/RN. Fonte: PROUS, André. *Arqueologia brasileira*. p. 190.

Já na obra de Gabriela Martin, a partir de informações dadas por Tom Miller, nos fala da identificação de seixos alongados de quartzitos e lascas de quartzo e jaspe, em uma cascalheira localizada em terraços fluviais, onde a lasca foi obtida por lascamento bipolar. Poucos instrumentos retocados e grandes quantidades de lascas, restos de debitagem. Material este, depositado em camadas finas que mostram ocupações sucessiva pertencente ao período arcaico. A autora ainda compara este tipo de ocupação com outras ocupações do Brasil.

... observamos o mesmo fenômeno nos terraços antigos do rio São Francisco, onde se acumulam manchas de material lítico nas que se pode observar abundância de restos de lascamento, consistentes em lascas sem retoques e presença de caçadores-pescadores que se movimentavam ao longo dos rios nordestinos mais caudalosos com grande mobilidade, preparando seus instrumentos de pedra segundo as necessidades imediatas. As indústrias são simples, com pouco ou nenhum retoque e possivelmente posteriores às indústrias mais refinadas da tradição Itaparica^{56 57}.

⁵⁶ Tradição lítica que designa ocupações de caçadores diversificados em grutas e abrigos, com instrumento do tipo lesma de sílex, de arenito silicificado e de calcedônia, raspadores circulares, semi-circulares, laterais e em forma de leque, alguns com retoque e furadores com ombro. Com datações que chegam a 10000 BP em Serranópolis (GO) e no Vale do São Francisco. MARTIN, Gabriela. Op. Cit. p. 151-152.

⁵⁷ MARTIN, Gabriela. Op. Cit. p. 155

Foram encontradas, grandes quantidades de pontas de projétil, na sua maioria bifaciais, produzidas a partir de uma variedade de matéria-prima e apresentando diferentes tipos de pontas, muitas da coleção do Museu Municipal de Mossoró. Infelizmente nenhuma ponta foi encontrada por arqueólogos ou em escavações arqueológicas. Sabe-se, no entanto, que estas foram localizadas nas regiões do Seridó e do Apodi.⁵⁸

*A presença dessas pontas indica a existência, em épocas ainda indeterminadas, de grupos que conheciam apuradas técnicas de lascamento que aplicaram sob diversos tipos de rochas existentes na região, e que difere da grande massa de materiais líticos unifaciais que caracteriza, em geral, a tecnologia lítica pré-histórica do Nordeste*⁵⁹.

Já as informações referentes à presença de artefatos de pedra polida no estado são muito escassas, mais do que as de indústrias de lascas. O que há de concreto é uma grande quantidade de artefatos divididos em coleções de museus e de particulares. A coleção de artefatos de pedra polida sob a guarda do Museu Municipal de Mossoró na sua grande maioria foi adquirida através de doações provenientes da região do Apodi.⁶⁰ Na coleção existente no Museu Câmara Cascudo, na exposição e no departamento de arqueologia registram-se uma grande quantidade de artefatos polidos, de acordo com o livro de tomo da instituição, provenientes de várias regiões do estado, principalmente dos municípios de São Rafael e Pedro Avelino. Como esses materiais não foram coletados em um contexto arqueológico, não se pode realizar uma análise aprofundada sobre os grupos humanos que fizeram estes artefatos.

*A grande quantidade de mós ativas e passivas e mãos de pilão, existente no Museu de Mossoró (RN) e que procedem da região do Apodi, indicam a presença de populações sedentárias ou semi-sedentárias de agricultores, mas desengajado de seu contexto nada mais podemos deduzir sobre esses artefatos.*⁶¹

⁵⁸ Ibid. p. 155

⁵⁹ Ibid. p. 157

⁶⁰ Ibid. p. 157

⁶¹ Ibid. p. 160

2.3 Vestígios Rupestres

Entre os vestígios arqueológicos utilizados pelos arqueólogos e pré-historiadores na busca de informações de culturas extintas, temos o da categoria dos registros rupestres ou arte rupestre. Nas últimas décadas do século XX, este foi o ramo mais pesquisado dentro da arqueologia pré-histórica e também o que levantou mais hipóteses sobre os povos que os fizeram, muitas das quais fantásticas, como a relação com as inscrições fenícias descritas por Ladislau Netto, publicado no Jornal do Comercio, do Rio de Janeiro, de 8 de junho de 1875, reproduzido cem anos depois na Revista de História, de 1975, na Universidade de São Paulo⁶². Temos também referências do interesse dos registros rupestre desde o primeiro século de colonização⁶³ e atualmente pelo impacto estético e jornalístico dos registros rupestres junto à população leiga.

Por muitos anos procurou-se interpretar o significado dos registros rupestres, mas, viu-se que as hipóteses levantadas pelos arqueólogos não tinham um embasamento teórico. Só a partir da década de setenta do século passado, quando a arqueóloga francesa Niède Guidon inicia suas pesquisas no sudeste do Piauí, na área que abrange o município de São Raimundo Nonato. Neste local a pesquisadora registra a presença de dois horizontes culturais ou tradições com relação aos registros rupestres. Vão ser a partir das pesquisas de Niède e de outra arqueóloga francesa Anne Marie Pessis, que através dos levantamentos sistemáticos dos sítios rupestres em várias regiões do nordeste do Brasil que serão construídas categorias classificatórias denominadas pelas autoras de tradições, também subdivisões, chamadas de sub-tradições, estilos e variedades.

Desde o começo de suas pesquisas no SE do Piauí, Niède Guidon observou a existência de dois grandes horizontes culturais nas pinturas rupestres da sua área de pesquisa. Batizadas como tradição Nordeste e de tradição Agreste, a primeira tem maior concentração de sítios e é, possivelmente, originária do SE do Piauí, e a Segunda, da região agreste de Pernambuco e da Paraíba, motivo que nos levou, de comum acordo, a chamar de tradição

⁶² Ibid. p. 12

⁶³ “O ano de 1598 registra a mais antiga referência bibliográfica de uma gravura rupestre no Brasil, quando o capitão-mor da Paraíba, Feliciano Coelho de Carvalho, junto a um rio chamado Arasoagipe, (...), como se lê nos ‘Diálogos da Grandeza do Brasil’. Ibid. p. 209

*Agreste a esses horizontes, de cronologia posterior à tradição Nordeste. Mas com a acumulação de dados e avanço das pesquisas empreendeu-se a difícil tarefa de se criar as divisões necessárias (sub-tradições, estilos, complexos e classes, etc.).*⁶⁴

Por tradição entendemos como representações de um universo simbólico, que são transmitidas de geração a geração ou a grupos diferentes. Para tradição André Prous, nos fala que esta é “a categoria mais abrangente e geralmente chamada de tradição, implicando uma certa permanência de traços distintivos, geralmente temáticos”.⁶⁵

A única maneira reconhecida para se identificar uma tradição rupestre, será através da temática da tradição, esta representada por grafismos⁶⁶ emblemáticos que são repetidos em vários sítios, e às vezes em regiões muito distantes.⁶⁷

Em algumas tradições verificou-se a necessidade de dividi-la em subdivisões, conhecidas por sub-tradições, que são definidas por “grupos desvinculados de uma tradição e adaptado a um meio geográfico e ecológico diferente, que implica a presença de elementos novos”.⁶⁸ Mas ainda são reconhecidos nessas sub-tradições os grafismos emblemáticos que as inserem em uma grande tradição.

Existem classificações ainda mais particulares dentro de uma sub-tradição, que é o estilo, este sendo “a classe mais particular decorrente da evolução de uma sub-tradição segundo as variações técnicas e da apresentação gráfica”⁶⁹, caracterizando uma comunidade dentro de várias que formam uma sub-tradição. Na região do Piauí, a grande quantidade de sítios e a complexidade apresentada nos registros rupestres desses sítios de uma mesma tradição, levou Niède a criar uma outra subdivisão, chamada de variedade, e esta sendo denominada fácies⁷⁰ por André Prous.

Dentro dos grafismos que aparecem em um painel rupestre, verificamos diferenças entre eles: temos assim, os puros, fazendo referência as figuras não identificáveis, na sua grande maioria figuras geométricas; os de composição, que são figuras identificáveis,

⁶⁴ Ibid. p. 210.

⁶⁵ PROUS, André. Op. Cit. p. 511

⁶⁶ Grafismo é qualquer desenho unitário indefinido no conjunto dos registros rupestres. MARTIN, Gabriela. Op. Cit. p. 216

⁶⁷ Ibid. p.215

⁶⁸ Ibid. p. 215

⁶⁹ Ibid. p. 215

⁷⁰ PROUS, André. Op. Cit. p. 511.

podendo aparecer representações de antropomorfos, zoomorfos e fitomorfos, variando de acordo com a tendência naturalista da tradição e por último temos os de ação, que se originam dos grafismos de composição, só que, representando cenas que dão idéia de movimento, como dança, caça, entre outras.⁷¹

No território nordestino, atualmente, foi registrada a presença de três grandes tradições, ou horizontes culturais, que deixaram gravados e pintados os seus pensamentos, em abrigos e paredões. Essas três tradições registradas foram chamadas de tradição Nordeste, tradição Agreste e tradição Itaquiara. As duas primeiras de pinturas e a última de gravuras.

Sobre a tradição Nordeste, sabemos que a sua origem seria do sudeste do Piauí⁷², área pesquisada por Niède Guidon. Pelas hipóteses levantadas até o momento, este horizonte cultural se estendeu para outras regiões do Brasil, principalmente no nordeste. Temos a confirmação da presença dessa tradição em outros estados nordestinos, como Sergipe, Bahia, Rio Grande do Norte e Paraíba. Dentro desses sítios arqueológicos com registros rupestres da tradição Nordeste foi registrado grafismos emblemáticos que se repetiam nas regiões citadas, onde os grafismos representavam os seguintes temas:

As figuras humanas são de pequeno tamanho, entre cinco e quinze centímetros, sempre em movimento, as vezes possuídas de grande agitação, com rosto de perfil e como se gritassem. A luta, a caça, a dança e o sexo são habilmente representados com grande riqueza de interpretações, utilizando-se uma técnica de traço leve e seguro. A presença de animais e figuras humanas é equilibrada, (...) a característica da tradição Nordeste não é apenas a representação do cotidiano e sim, principalmente, a de grafismos representando cenas cerimoniais ou mitos.⁷³

Dentro dos grafismos que identificam a tradição Nordeste, aparecem aqueles que pela sua repetição em sítios diferentes e em regiões distantes, representam duas figuras humanas de costas, uma para outra, separando-as com um grafismo do tipo tridígito; como também, a de duas figuras humanas protegendo uma terceira, podendo ser esta, uma

⁷¹ MARTIN, Gabriela. Op. Cit. p. 217

⁷² Ibid. p. 256

⁷³ Ibid. p. 228

criança. Por último, as cenas da árvore com figuras humanas dançando em sua volta, ou agitando ramos enquanto dançam.⁷⁴

A partir de datações confiáveis dos grafismos da tradição Nordeste, no Piauí, de aproximadamente 12.000 anos BP desenvolvendo-se no nordeste brasileiro até 6.000 anos BP, quando ocorre sua redução ou o surgimento outras tradições rupestres nos mesmos sítios.



Figura 02: Grafismos emblemáticos da tradição Nordeste. Fonte: MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil* p. 253

Outro horizonte cultural registrado no nordeste que apresenta registros rupestres do tipo pinturas é a da tradição Agreste. Tradição mais recente que a Nordeste, surgiu por volta de 5.000 anos BP conforme datações obtidas no Piauí. Sendo registradas datações de 2.000 anos BP, em quatro sítios do Pernambuco.⁷⁵

Tradição rupestre com técnicas e de temas menos complexas do que a Nordeste, têm como características principais:

... grafismos de grande tamanho, geralmente isolados, sem formar cenas, e quando esta existem, apresentam-se compostas por poucos indivíduos ou animais. Grafismos puros, simples ou muito elaborados, acompanham os grafismos de ação sejam eles antropomorfos ou zoomorfos⁷⁶.

⁷⁴ Ibid. p. 229

⁷⁵ Ibid. p. 254

⁷⁶ Ibid. p. 248

Tendo como grafismos emblemáticos à figura de um antropomorfo de grande tamanho, com aspecto grotesco, estático e isolado; as figuras zoomorfas representadas na tradição são dificilmente identificadas, salvo as figuras de quelônios e lagartos.

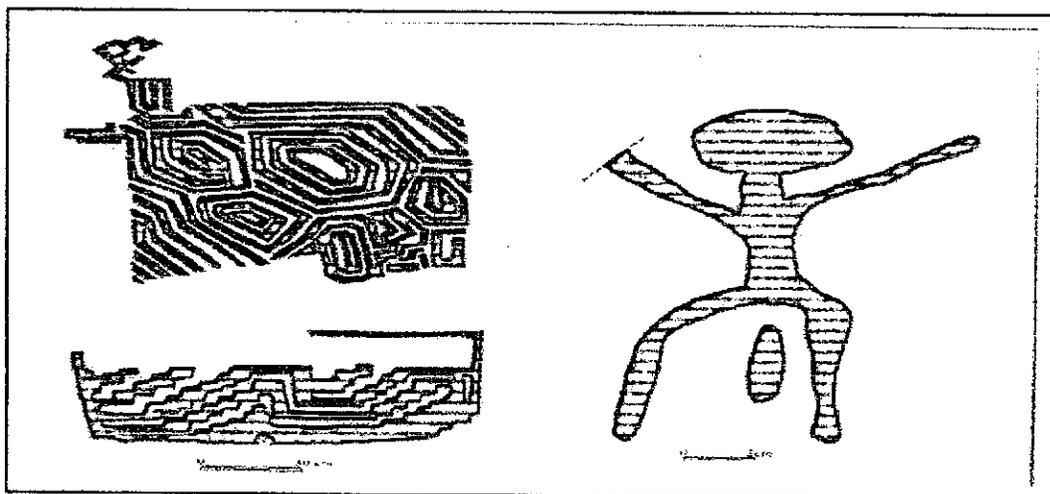


Figura 03: Grafismos emblemáticos da grande tradição Agreste. MARTIN, Gabriela. *Pré-história do nordeste do Brasil*. p.282.

Junto com as características expostas acima, registramos geralmente grafismos comuns nos painéis com tradição Agreste, como a de “um pássaro de longas penas e asas abertas, cujo antropomorfismo sugere uma representação de um homem-pássaro.”⁷⁷ Como também as mãos em positivo, como carimbos posicionadas em várias partes do painel⁷⁸ e os grafismos puros, “labirínticos puros ou em forma de grades, espirais e linhas sinuosas de vários tamanhos”⁷⁹. Estas pinturas estão representadas na cor vermelha em várias tonalidades, dependendo do corante utilizado.

Sabe-se muito pouco sobre esta tradição, como sua origem e as áreas influenciadas pela mesma. Fato que ocorre pela falta de um levantamento sistemático de áreas nos estados nordestinos, tendo somente informações escassas sobre sítios com pinturas dessa tradição. A última grande tradição rupestre encontrada no nordeste é a Itaquiara, chamada por André Prous por Geométrica Setentrional, onde os registros são representados em forma de gravuras, localizadas principalmente próximas de cursos de rios, arroios e torrentes brasileiras. Onde:

⁷⁷ Ibid. p. 248

⁷⁸ Ibid. p. 249.

Predominam grafismos puros, porém deve-se registrar a presença de antropomorfos, alguns muito elaborados, inclusive com atributos. (...) Há marcas de pés, lagartos e pássaros em grandes paredes, sempre próximos d'água, e também desenhos muito complexos.⁸⁰

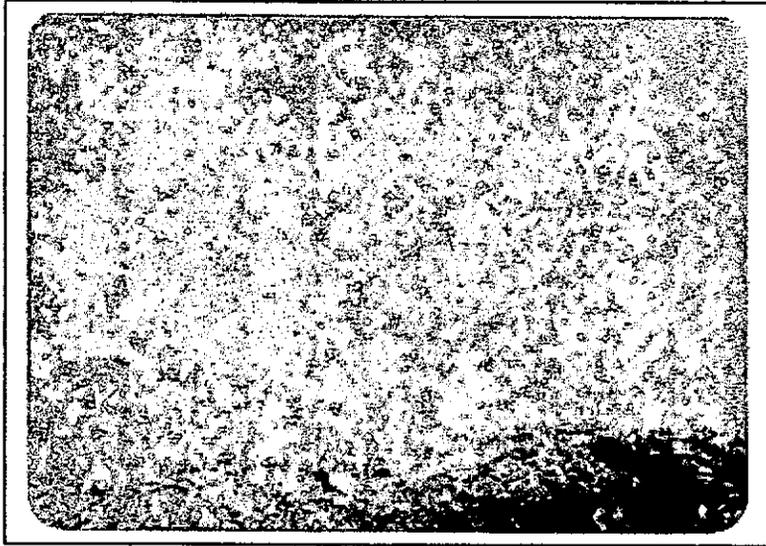


Figura 04: Exemplo de gravura da tradição Itaquiara, gravura do sítio São Bento, Itaú/RN. Foto: Luiz Dutra de Souza Neto

Para muitos arqueólogos esta grande tradição está ligada ao culto das águas. Fato explicado pela importância que elemento da natureza têm na sobrevivência dos homens pré-históricos. No sertão nordestino essa importância é mais valorizada por causa dos grandes períodos de estiagens que assolam a região desde de épocas pré-históricas até os nossos dias.

Muitas dessas gravuras nos fazem pensar em cultos cosmogônicos das forças da natureza e do firmamento. Possíveis representações de astros são frequentes, assim como a existência de linhas onduladas que parecem imitar o movimento das águas.⁸¹

No Rio Grande do Norte são encontrados registros rupestres com características que os incluem nessas três grandes tradições descritas anteriormente. Nosso estado apresenta

⁷⁹ Ibid. p. 251.

⁸⁰ Ibid. p. 267.

⁸¹ Ibid. p. 269.

uma grande quantidade de sítios arqueológicos com pinturas e gravuras em quase todos os municípios do Rio Grande do Norte⁸². Infelizmente, até o momento, poucas regiões foram sistematicamente pesquisadas, tendo somente a região do Lajedo de Soledade, no município de Apodi e a região do Seridó, abrangendo vinte municípios potiguares, principalmente os municípios de Parelhas, Carnaúba dos Dantas e Acari. Áreas pesquisadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte e pela Universidade Federal do Pernambuco, respectivamente. Sobre as outras regiões do estado, temos somente referência da existência de sítios arqueológicos com registros rupestres, mas não foram realizadas prospecções sistemáticas das regiões e nem uma análise aprofundada dos mesmos.

No município de Apodi, no sertão potiguar, encontramos um enorme afloramento calcário, carstico para Gabriela Martin, com a presença de uma grande quantidade de registros rupestres. Geograficamente o sítio Lajedo de Soledade esta:

Encravado no sertão potiguar, a aproximadamente 310 quilômetros de Natal, o lajedo de Soledade – Apodi/RN, encontra-se cercado por uma caatinga hiperxerófila onde predominam espécies vegetativas como o faveleiro (Cnidoscolus), o xique-xique (Pilocerus) e a macambira (Bromélia laciniosa), as quais, entre outras, adaptam-se muito bem ao clima semi-árido da região. Além do olho d'água jasente no lajedo, vazio em período de seca, mas que denominou a área desde há muito, outra fontes de água num raio de aproximadamente 15 quilômetros de Soledade são a lagoa de Apodi e o rio Apodi-Mossoró, que possui uma bacia hidrográfica com por volta de 17.500 Km² e que justamente por isto é caracterizado, segundo o Diagnóstico Estrutural do estado de 1976, como a maior bacia genuinamente norte-riograndense.⁸³

No Lajedo de Soledade foram encontradas pinturas rupestres com grafismos que as inserem na tradição Agreste. Os registros encontrados estão distribuídos por quatorze abrigos, sem indício de ocupação humana permanente, “já que as ravinas se enchem d'água na época das chuvas”.⁸⁴ Estes são representados por grafismos puros de linhas sinuosas e

⁸² De acordo com os dados levantados pelo projeto de “Mapeamento e Cadastramento do Patrimônio Arqueológico do RN” sendo realizado pelo departamento de Arqueologia do Museu Câmara Cascudo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

⁸³ SILVA, Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da. “Lages de Soledade”: uma contribuição à pré-história do Rio Grande do Norte. p. 40

⁸⁴ MARTIN, Gabriela. Op. Cit. p. 261.

arredondadas e 'grades' ou 'armadilhas', juntamente com araras e lagartos".⁸⁵ Outros grafismos característicos deste sítio são as mãos em positivo, algumas em carimbo. Estes grafismos aparecem em grande quantidade nestes abrigos. As hipóteses levantadas, até o momento, sobre o Lajedo de Soledade é que o mesmo, teria sido utilizado como centro cerimonial dos grupos humanos que ali viveram.⁸⁶

Outra área do estado potiguar bastante pesquisada sobre este assunto é a do Seridó. Localizada na região central do Rio Grande do Norte e alguns municípios da Paraíba, como Picuí e Pedra Lavrada. Área que apresenta as seguintes características geográficas:

De formação pré-cambriana e situada entre as coordenadas 5° 30' e 7°00' lat. sul e 36°00' e 37°30' long. oeste. A zona fisiográfica do Seridó apresenta litologia dominante de quartzitos, gnaisses, quartzo-feldspatos, xistos biotíticos e granitos. O relevo esta formado por "cuestas" e serras cortadas pelos rios Seridó e seus afluentes onde se localizam os abrigos pré-históricos em alturas entre 360 a 500 metros sobre o nível do mar. As vvertentes são em geral íngremes, variando de 20° a 70° de inclinação, característica que predomina no acessos aos abrigos com pinturas rupestres.

De clima semi-árido, as precipitações variam entre 500 mm e 700 mm e os meses de março e abril são os mais chuvosos. As temperaturas, com todo o semi-árido nordestino – a exceção das áreas serranas que se aproximam dos mil metros – oscilam levemente entre o verão e o inverno (27° a 24°) com mês mais quente em dezembro e mais frio em julho.⁸⁷

Nessa área arqueológica⁸⁸ localizado no Seridó potiguar foi registrada uma grande quantidade de sítios arqueológicos com a presença de pinturas rupestres, inseridas através de suas características na grande tradição Nordeste, e por apresentar grafismos específicos do meio, ocorreu uma subdivisão dessa área do restante da tradição, chamado de sub-

⁸⁵ Ibid. p. 261.

⁸⁶ MARTIN, Gabriela. Op. Cit. p. 262 e PACHECO, Leila Maria Serafim; ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu de Souza. O Lajedo de Soledade: um estudo interpretativo. IN: TENÓRIO, Maria Cristina (Org.).Op. cit. p. 118.

⁸⁷ MARTIN, Gabriela. Op. Cit. p. 90.

⁸⁸ "Chamamos área arqueológicas as divisões geográficas que compartilham das mesmas condições ecológicas e nas quais esta delimitado um número expressivo de sítios pré-históricos. Estes correspondem a assentamentos humanos onde se tinham observado condições de ocupação suficientes para se poder estudar os grupos étnicos que o povoaram." Ibid. p. 71

tradição Seridó. Sendo esta, para Gabriela Martin, uma das mais importantes áreas pré-históricas com registros rupestres do mundo⁸⁹.

Nesta, as pinturas apresentam as características emblemáticas da tradição Nordeste e também o aparecimento de novos elementos gráficos ligados à região:

.. tais como pirogas cuidadosamente decoradas com desenhos geométricos, objetos ornamentos e pintura corporal, além de representações fitomorfas (...) um casal une suas mãos num gesto de dança, outros protegem uma criança (...). Guerreiros armados enfrentam seus inimigos e juntos aparecem figuras hitifálicas. Grupos de caçadoras perseguem emas e veados e outras navegam pirogas. (...) Araras e tucanos a floresta pintadas nas pedras e uma nota trágica é oferecida pelos corpos dos inimigos prostrados no solo. As cenas multiplicam-se na variedade de grupos de homens ou mulheres que carregam bolsas, cestas ou potes, transportando água ou alimentos; algumas figuras são singelas na simplicidade de sua nudez, outras, cheias de cocares e atributos, mostram o poder de sua hierarquia.⁹⁰

O sexo para o grupo de caçadores que habitaram a região e fizeram as pinturas, tinha uma grande importância cultural. Nos painéis são representadas cenas de masturbação, estupro, sexos entre indivíduos ou grupal. O período em que foram pintados esses painéis, partindo das datações obtidas pelas pesquisas de Gabriela Martin, demonstram uma possível ocupação inicial em 9.000 anos BP, que se desenvolveram na região até o surgimento de novas tradições rupestres, a Agreste, pela repetição de grafismos puros. Em muitos abrigos da área arqueológica do Seridó foram identificadas a presença de registros com características da tradição Agreste junto com a tradição Nordeste.⁹¹

Sobre a presença da tradição Itaquiara no nosso estado sabe-se muito pouco. Estas aparecem isoladas ou juntas em sítios arqueológicos com pinturas da tradição Nordeste e Agreste. As características são parecidas com as gravuras encontradas em todo o nordeste, estando elas relacionadas ao culto das águas, pela sua localização sempre próximas a cursos d'água.

⁸⁹ Ibid. p. 236.

⁹⁰ MARIN, Gabriela. Op. Cit. p. 233.

⁹¹ Ibid. p. 239.

CAPÍTULO 03:

Os indícios em Santana do Matos

3.1 A pesquisa arqueológica

Sendo o departamento de Arqueologia do Museu Câmara Cascudo (MCC) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte convidado pelo professor Valdeci Santos Júnior, diretor do Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte a participar do projeto de pesquisa realizado pelo professor, junto com os alunos do departamento de História da mesma, no “Levantamento de Sítios Arqueológicos Rupestres do RN”. Através desse contato recebemos a informação da existência de sítios arqueológicos localizados no município de Santana do Matos. Estes não estavam registrados no Departamento de Arqueologia de MCC e no Cadastro Nacional de Sítios Arqueológicos mantido pelo Instituto do Patrimônio Histórico, Artístico Nacional (IPHAN), sabendo deste fato, decidimos iniciar uma pesquisa com o intuito de localizar e registrar os possíveis sítios arqueológicos em Santana do Matos.

Geograficamente o município de Santana do Matos está inserido na microregião do Sertão de Angicos, com uma área de 4.256 Km², dividida politicamente em quatro municípios, Afonso Bezerra, Angicos, Pedro Avelino e Santana do Matos. Esta é uma região dissecada pelo rio Piranhas – Assú e seus afluentes que partem da serra de Santana.

Tem relevo aplainado, pontilhado de formas residuais da textura granítica, salientando-se as formas de Inselbergs e matacões em grande quantidade. As rochas sob intenso intemperismo térmico tendem a esfoliar-se em placas como uma escamação. Nessas rochas graníticas encontra-se uma grande quantidade de tanques naturais, compondo o relevo da área.

A vegetação encontrada na região é seca, relativamente agrupada e com poucas árvores, como o umbuzeiro, catingueira e o mandacaru. O solo é extremamente pobre e a agricultura se resume às várzeas dos rios e arredores de açudes. O clima é semi-árido com poucas chuvas anuais⁹².

⁹² SOUZA, Maurina S.; MEDEIROS, Osmar. *Inscrições rupestres no Rio Grande do Norte*. p. 12

agricultura se resume às várzeas dos rios e arredores de açudes. O clima é semi-árido com poucas chuvas anuais⁹².

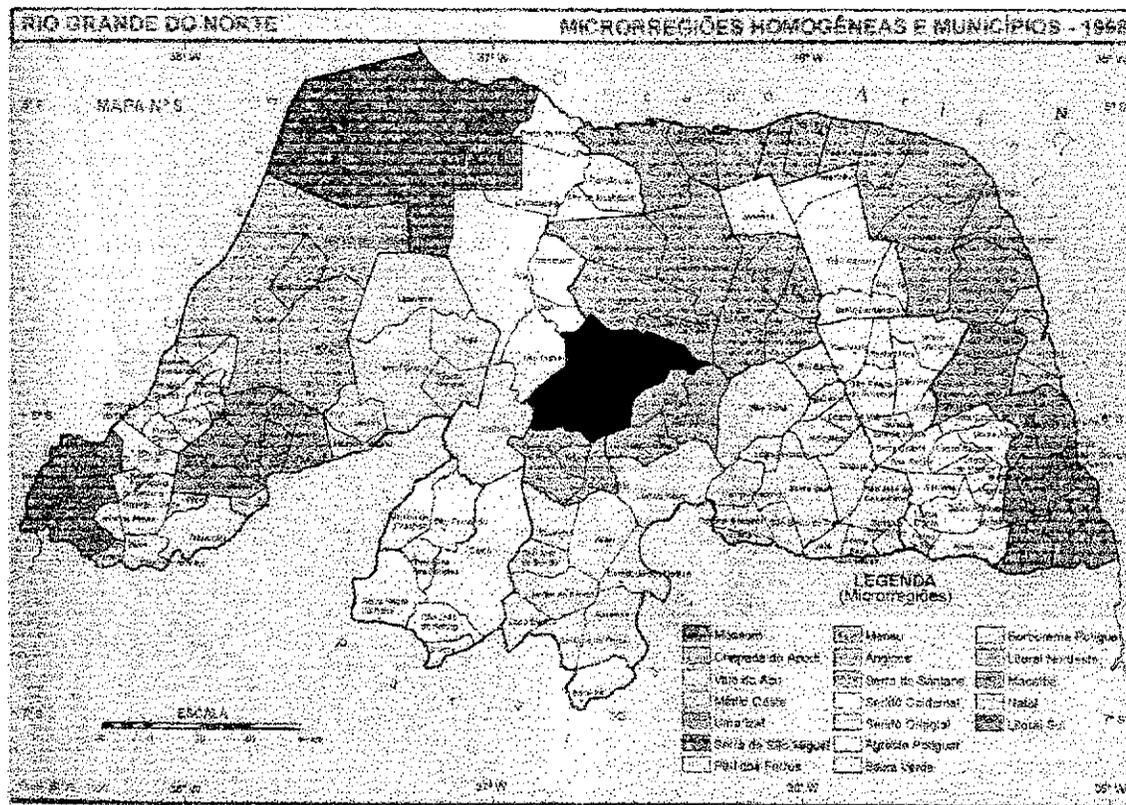


Figura 05: Localização geográfica do município de Santana do Matos, em destaque. Fonte: FELIPE, José Lacerda A. Atlas escolar do Rio Grande do Norte. p.15

Iniciamos a pesquisa realizando um levantamento da bibliografia especializada, relatos de cronistas, viajantes e arqueólogos amadores, com a intenção de direcionar o nosso trabalho, como também um estudo da Toponímia da região que nos dessem indícios de ocupações pré-históricas na região.

Como a região foi pouco estudada nesse campo da história, dos livros pesquisados, encontramos referência sobre a ocupação pré-histórica na região em três localidades, citando a presença de vestígios arqueológicos, do tipo arte rupestre. Estas referências foram encontradas na obra de José de Azevedo Dantas, denominado “Indícios de uma Civilização Antiquíssima”. Obra importantíssima para o estudo da arqueologia e pré-história nordestino-riograndense, principalmente da região do Seridó, onde o mesmo nasceu e viveu. Sobre

⁹² SOUZA, Maurina S.; MEDEIROS, Osmar. *Inscrições rupestres no Rio Grande do Norte*. p. 12

esse arqueólogo intuitivo, a arqueóloga Gabriela Martin nos fala na apresentação do livro de José de Azevedo Dantas:

Apresentar a edição dos “Indícios de uma Civilização Antiquíssima” de José de Azevedo Dantas, é uma tarefa que honra e emociona. Sua publicação é um ato de justiça para com esse sertanejo singular. Como arqueóloga lutei para que se desse a devida divulgação à obra inédita de arqueólogo intuitivo e autodidata que nascido e criado no sertão do rio Grande do Norte, teve a sensibilidade de perceber a importância arqueológica dos registros rupestres da região, o Seridó, copiando-os pacientemente, com total fidelidade e precisão que, nas quase 200 páginas do seu manuscrito está reproduzida fielmente a riqueza rupestre do Seridó Paraibano e Potiguar.

A obra que agora apresentamos não é porém o único trabalho de José de Azevedo Dantas. Possuidor de um interesse incomum pela ciência e crente da salvação do mundo pela educação, o sertanejo que nunca frequentou escola, foi também, além de arqueólogo, músico, desenhista, projetista, meteorólogo e jornalista! Tudo isso sem maior bagagem econômica, social ou acadêmica senão lápis e acanhados cadernos, onde registrou a sua aguda curiosidade e um imenso desejo de conhecer e aprender.⁹³

Nesta obra encontramos a localização de três sítios arqueológicos. O primeiro foi chamado pelo autor de “Pinturas”, situado na margem esquerda do rio Bom Jesus, entre as fazendas “Coroas Limpas” e “Serra do Gado”. Neste sítio estão registrados nas pedras que margeiam o rio, “indelével os signaes pictograficos de sua verdadeira escrita e outros costumes que se declinavam por figuras diversas.”⁹⁴

Outra localidade descrita por ele nos fala da presença de pinturas na cor vermelha, representando palmas das mãos e outros sinais em um número superior a 200. Este sítio denominado por ele de “Pedra Ferrada” está situado numa localidade conhecida por Lagoa Formosa que fica a nordeste da Serra Branca⁹⁵

No local conhecido por “Pedra das Pinturas”, José de A. Dantas cita a presença de representações de antropomorfos e zoomorfos e outros sinais na cor vermelha. Como também a presença de gravuras no leito de rio, estes em péssimo estado de conservação, por este motivo ele não pode copiá-los.⁹⁶

⁹³ DANTAS, José de Azevedo. *Indícios de uma Civilização Antiquíssima*. p.05

⁹⁴ *Ibid*, p. 276.

⁹⁵ *Ibid*, p. 278.

⁹⁶ *Ibid*, p. 280.

Outra publicação que registramos alguma referência sobre a região do município é o da arqueóloga Gabriela Martin, “Pré-história do Nordeste do Brasil”, em um dos capítulos do livro referente ao universo simbólico dos povos pré-históricos. A autora descreve as características da tradição Agreste, um dos grupos classificatórios do registro rupestre no nordeste do Brasil. Nos exemplos apresentados pela autora para ilustrar a tradição Agreste (figura 01) constatamos a presença de um dos desenhos de José de A. Dantas do sítio “Pedra das Pinturas”, que no da arqueóloga foi denominado por “Bom Jesus”, não se atendo em pormenorizar dados sobre a localização do sítio.⁹⁷



Figura 06: Na imagem: “a) Sítio Bom Jesus, Santana do Matos” podemos ver registros rupestres do sítio “Pedra das Pinturas” de José de A. Dantas. MARTIN, Gabriela. *Pré-história do nordeste do Brasil*. p.249

Na tentativa de localizar os indícios levantados na pesquisa bibliográfica, utilizamos o mapa da SUDENE de escala 1: 100.000. A partir da localização dos indícios, verificamos a possibilidade de encontrar novos indícios de ocupação humana no município de Santana do Matos, através de topônimos. Estes topônimos estão relacionados aos aspectos culturais e históricos da população local, esta desconhecendo o significado dos vestígios arqueológicos acabam dando interpretações pessoais aos locais e materiais utilizados pelos homens pré-históricos. Na pesquisa Toponímica do município, identificamos a existência de duas localidades que apresentam estas características.

⁹⁷ MARTIN, Gabriela. *Pré-história do nordeste do Brasil*. p.249

Na primeira região identificada na pesquisa encontramos uma fazenda com o nome de “Pinturas”, localizada entre as fazendas Coroas Limpas e a Serra do Gado, a nordeste do município. Verificamos que com essa localização geográfica, esta localidade é a mesma apresentada por José de A. Dantas discutidos por nós no início do capítulo. Já a outra localidade, se refere a uma região chamada “Tapuio”, este topônimo significa “os indígenas que não falam a língua geral eram, depreciativamente, chamados de Tapuias, isto é, os bárbaros”.⁹⁸

Partindo da região levantada previamente iniciamos a pesquisa de campo, com o interesse de confirmar os dados e na busca de informações que nos levassem a encontrar novos indícios pré-históricos. Esse trabalho foi realizado com o auxílio de moradores locais, como guias, nos auxiliando na localização dos sítios arqueológicos.

Através do levantamento bibliográfico, toponímico e depois do de campo foram localizados na área que abrange o município de Santana do Matos, num total de vinte e um sítios arqueológicos (anexos). Nestes sítios foi constatada a presença de um variado grupo de vestígios arqueológicos como, ossos (01), líticos (02) e principalmente o de registros rupestres (18).

↳ de onde vieram?

3.2. Os Sítios Arqueológicos

Para um melhor entendimento da localização dos sítios e descrição dos vestígios encontrados nos mesmos, estes foram classificados de acordo com as características de cada um.

Situado na fazenda Rodeador, próximo à comunidade de Tapuio de Santa Maria, esta comunidade foi localizada na pesquisa toponímica, foi localizado no Serrote dos Caboclos, a uma altitude de 402 metros, uma caverna, com uma profundidade de mais ou menos 11,5 metros. Nesta caverna foi encontrada uma grande quantidade de ossos humanos e de pequenos animais na superfície. Esta caverna está localizada no alto do serrote em subida íngreme e vegetação fechada dificultando seu acesso. Fomos informados pelo guia que outros pesquisadores visitaram o sítio na década de oitenta, onde coletaram materiais osteológicos. Podemos confirmar essas informações pela a presença de ossos agrupados na

esca-
vado?

⁹⁸ MEDEIROS FILHO, Olavo de. Índios do Açu e Seridó. p. 21.

entrada da caverna. Sabendo que a dificuldade da chegada ao local é difícil, a possibilidade de perturbação futura do sítio é baixa, podendo sofrer somente a ação de fatores naturais ou de pequenos animais, que poderão utilizar a caverna como abrigo.

Na base do Serrote dos Caboclos foi encontrada uma grande quantidade de vestígios arqueológicos do tipo lítico. Este local foi chamado de Saquinho I, por causa de sua proximidade com um açude com o mesmo nome. A estratigrafia do sítio está comprometida pela constante limpeza da terra do interior do tanque na época de seca, pois o material que estava originalmente depositado no seu interior foi retirado. A população local utiliza este tanque como reservatório natural.

Outro sítio com a presença de vestígios arqueológicos do tipo lítico foi registrado na localidade conhecida por “Cruzeiro”, esta de fácil acesso, por se encontrar na margem de estrada carroçável, que liga a comunidade de Residência a comunidade de Tapuio de Santa Maria. Não foi possível fazer a delimitação deste sítio, por causa da grande quantidade de material espalhados na área. A área onde foram encontrados estes vestígios está sendo utilizada na agricultura e na pecuária, tendo assim um risco de destruição do material pela ação humana e animal.

O terceiro tipo de vestígio registrado nos sítios arqueológicos em Santana do Matos foi o de registros rupestres. Há uma quantidade considerável de sítios com esses vestígios. Podemos fazer algumas generalizações sobre esses sítios arqueológicos. Registramos a presença de duas, das três grandes tradições que auxiliam no estudo de representações simbólicas no nordeste do Brasil, sendo essas tradições Agreste e a Itaquiara.

Outro dado importante a ressaltar sobre os registros rupestres, é a constatação da presença destas duas tradições num mesmo sítio, podendo demonstrar a contemporaneidade das tradições ou a utilização do ambiente do sítio por diferentes grupos em épocas distintas.

Na Serra do Saquinho, próximo ao açude com o mesmo nome, e ao Serrote dos Caboclos, constatamos a presença de registros rupestres, do tipo pinturas na cor vermelha e gravuras, num conjunto de painéis que foram registrados na parte externa e interna de uma pedra de forma ovalada. Por esse motivo esta localidade é conhecida na região pelo nome de “Pedra Redonda”, situada sobre o lajedo. Nas pinturas existem representações predominantemente de traços geométricos, e nas gravuras formas geométricas e grafismos puros isolados, podendo assim, incluí-las na tradição Agreste.

Sendo o sítio arqueológico de fácil acesso estando ele em uma região plana e próxima a estrada, a possibilidade de perturbação é muita alta, principalmente por parte de curiosos. O estado de conservação das pinturas está comprometido por causa do intemperismo natural. Este fato pode ser constatado pelo desgaste da coloração das pinturas.

Próximo a “Pedra Redonda” e nas margens do açude Saquinho existe um abrigo sob rocha com a presença de registros rupestres, que passamos a chamar de Saquinho II. Esses registros são do tipo pintura, com predominância da cor vermelha. Algumas dessas figuras estão desgastadas, intemperismo natural, onde representam traços geométricos e grafismos puros. Por suas características esses registros foram incluídos na tradição Agreste.

Na margem do açude, próximo ao Saquinho II, foi encontrado registros rupestres em uma pedra, por nós chamados de Saquinho III. Em sua parte externa, as pinturas são apresentadas na cor vermelha, onde são representadas por traços geométricos e grafismos puros, sendo a partir desses dados inserido na tradição Agreste. O estado de conservação dos registros está parcialmente comprometido, por intemperismo natural, e também a possibilidade de perturbação de curiosos.

Em outra pedra próxima ao açude, Saquinho IV, temos a presença de pinturas na cor vermelha com representações de traços geométricos e grafismos puros. Havendo o desgaste de algumas figuras causada por agentes naturais. Próxima a este sítio existe uma pedra oca, onde no seu interior temos a presença de registros rupestres, pinturas na cor vermelha, com representações de traços geométricos e grafismos puros característica da tradição Agreste. Sítio de difícil acesso, a entrada da pedra é uma pequena abertura rente ao solo. Área pode ter sido ou está sendo utilizada como abrigo por pessoas, fato constatado pela presença de fuligem de fumaça nos painéis, e por animais.

Na fazenda Pichoré, que é dividida em de Baixo e de Cima, há uma grande concentração de sítios arqueológicos com registros rupestres. Esta fazenda está localizada na margem direita da estrada que liga a comunidade de Residência a sede do município de Santana do Matos, desta comunidade até a entrada da fazenda pela estrada são percorridos 2 quilômetros.

Da entrada da fazenda, percorrer 10,5 quilômetros em estrada carroçável até a localidade de Pichoré de Baixo, nesta localidade mora o Sr. José Marroque Filho, Zé

Marroque, nas suas existe uma casa de pedra, Pichoré de Baixo I, com pinturas localizadas no seu interior e também foram coletados uma amostra de material lítico, principalmente núcleos de calcedônia. A 400 metros, do sítio Pichoré de Baixo I, foi localizado um pequeno abrigo sob rocha. Neste abrigo verificamos a presença de registros rupestres e de material lítico, que infelizmente não foram coletados pela dificuldade em chegar ao local onde os mesmo estão depositados. Chamamos este sítio de Pichoré de Baixo II.

Os registros rupestres presentes nos dois abrigos estão relacionados a tradição Agreste, onde estão representados na cor vermelha figuras geométricas e símbolos não identificáveis, e particularmente, no sítio Pichoré da Baixo I, representações zoomorfas e mãos em positivo.

Na propriedade de João Raimundo Severino, seu João, pai de Tico de Raimundo, encontramos registros rupestres num serrote próximo a sua casa. Numa pedra no alto do serrote registramos pinturas, parcialmente comprometidas pela ação do tempo e fatores naturais, na cor vermelha representando traços geométricos e grafismos puros. Como a propriedade se denomina Montevideú, chamamos o sítio pelo mesmo nome de Montevideú I. Em outra pedra do serrote, há registros rupestres parecidos com Montevideú I, mas a sua conservação é melhor, pois os registros estão protegidos das ações naturais que afetam o primeiro conjunto de registros. Este sítio fica próximo a “Pedra do Sino” e o denominamos Montevideú II.

Na base do Serrote do Gavião, nome dado ao sítio, registramos a presença de registros rupestres em uma pedra, pinturas na cor vermelho onde constatamos traços de tradição Agreste, representando figuras antropomorfas e grafismos puros. Este sítio esta localizado nas terras do Sr. Herdeiros Aurino Fernandes no Pichoré. Os registros rupestres estão parcialmente comprometidos, tendo como fatores responsáveis os naturais.

Saindo da comunidade de Residência, seguindo em direção a comunidade de São José do Campestre, percorrendo 11 quilômetros. Chegando na comunidade ir em direção a Serra Verde, que fica a 18 quilômetro da comunidade, procurar o sítio Gameleira, de propriedade de Sr. Suetônio Estevão da Silva. Os registros rupestres estão num abrigo, com a presença de vários painéis de pinturas, com tonalidades diferentes de vermelho, com representações simbólicas não identificáveis, de antropomorfos de vários tamanhos, de zoomorfos e de grafismos puros. A variação de tonalidade na cor das pinturas demonstra o

existe uma evolução técnica na elaboração das pinturas, ou então, o abrigo foi utilizado por grupos pré-históricos distintos em períodos cronológicos diferentes. Este abrigo é conhecido na região pelo nome de Pedra do Suetônio.

Ainda no sítio Gameleira, verificamos a presença de registros rupestres em uma pedra ovalada, conhecida por Pedra do Bráz, em cima de um pequeno lajedo. Nesta pedra há uma concavidade onde estão os registros do tipo pinturas, que apresentam as mesmas representações do sítio Pedra do Suetônio e também sobreposição de pinturas. Mas neste sítio identificamos registros na cor amarela e de antropomorfos em série.

Saindo de Residência, pegar estrada que vai em direção do município de Cerro Corá. Após 3 quilômetros, entrar a esquerda para a comunidade de Tapuio de Santa Maria, localizado na fazenda Rodeador. Há 3 quilômetros da comunidade no alto da Serra do Basso, nome do sítio, encontramos registros rupestres no interior de uma pedra ovalada, numa altitude de 397 metros em relação ao nível do mar. Os registros são do tipo pintura, da tradição Agreste, representados na cor vermelha, onde verificamos representações de grafismos puros, principalmente o de figuras geométricas.

Na fazenda Tostados, de propriedade do Sr. Antônio Assunção, localizada a 9 quilômetros da comunidade de Residência. Na fazenda procurar o rio São Vicente, nome do sítio, onde há pequenas formações rochosas na margem esquerda do rio. Nestas pedras estão localizadas pinturas na cor vermelha, em menor quantidade aparecem figuras em preto e branco, com representações de antropomorfos, zoomorfos e grafismos puros. A conservação do sítio está parcialmente comprometido por causa de fatores naturais.

Na fazenda São Francisco, de propriedade de Maria Miriam Assunção, foram registrados a presença de dois sítios arqueológicos, com vestígios do tipo registros rupestres, com características da tradição Itacoatiara e da tradição Agreste. Para chegar aos sítios, devemos pegar estrada carroçável, dando acesso ao município de Bodó, o acesso dessa estrada está localizada no início da zona urbana de Santana do Matos. Percorrer 11,5 quilômetros, entrar a direita e seguir mais dois quilômetros até chegar a fazenda São Francisco.

Há uma distância de 1,5 quilômetro da sede da fazenda, está localizado o sítio arqueológico Cachoeira, nome popular da localidade. Neste sítios temos vários painéis de gravuras, quase todas representando motivos geométricos, externando antropomorfos,

zoomorfos e símbolos não identificáveis. A conservação do sítio está parcialmente comprometida pela ação de fatores naturais.

Num serrote perto da casa principal da fazenda, conhecido por “Serrote do Urubu”, constatamos a presença de registros rupestres do tipo pintura, na cor vermelha, com representações de antropomorfos, zoomorfos (lagartos e borboletas (?)), grafismos puros, como também símbolos não identificáveis. A conservação dos registros estão parcialmente comprometidas pela ação do tempo, constatado pela variação de tonalidade de vermelho, fatores naturais e pela ação antrópica. Este último ocorreu através de atos de vandalismo, onde pessoas escreveram seus nomes sobre as pinturas. Devemos destacar que, no sítio Urubu registramos a presença de dois aspectos importantes relativo aos registros rupestres, o primeiro é a grande quantidade de figuras sobrepostas, e a segunda, a presença de símbolos com representações de possíveis cometas. Sendo confirmada essa hipótese, com trabalhos futuros, verificaremos a preocupação dos grupos pré-históricos em registrar as coisas do céu.

No levantamento bibliográfico e toponímico da região, o sítio arqueológico “Pinturas” descrito por José de A. Dantas em sua obra e a presença do topônimo “Pinturas” nos levou a um grande sítio arqueológico, onde foram registrados uma grande quantidade de registros rupestres, inseridos em duas tradições a Itacoatiara e a Agreste. Este sítio está localizado nas terras do Sr. Aldemir Xavier dos Santos, próximo a uma barragem, esta conhecida por barragem do Aldemir.

As gravuras estão espalhadas por inúmeras rochas que margeiam o leito do rio Cachoeiras, evidenciando representações geométricas. Estes estavam muito apagados, por elas estarem próximas ao curso d’água e na época de cheia, os mesmos são cobertos. As pinturas estão localizadas numa rocha próxima ao muro da barragem, estas figuras estão apresentadas na cor vermelha representando figuras zoomorfas (emas e quadrúpedes), geométricas, além de mãos em positivo.

A conservação dos registros está, tanto os da tradição Agreste e Itacoatiara, parcialmente comprometidas. As gravuras pela sua proximidade ao curso d’água, e no caso das pinturas, estas sofreram alterações pequenas motivadas por fatores naturais. A possibilidade de perturbação futura é alta pelo fato da comunidade local conhecer os registros e a intervenção por parte de curiosos.

Dos sítios arqueológicos pesquisados em campo nenhum bate com descrição feita por José de A. Dantas para as localidades “Pedra Ferrada” e “Pedra das Pinturas”, sendo esta última citada por Gabriela Martin com o nome de Bom Jesus.

O sítio arqueológico “Pedra Ferrada” apresentado acima não foi encontrado na área do município de Santana do Matos, por este se encontrar no município de São Rafael, onde a localização feita do sítio por Osmar Medeiros e Maurina Sampaio de Souza, no trabalho “Inscrições Rupestres no Rio Grande do Norte” batem com a descrição feita por José de A. Dantas,

Fazenda Lágea Formosa, município de São Rafael. É de propriedade de Diocleciano de Oliveira Barros, distante da sede do município 16 Km, ao sul. O abrigo dista 02 Km da casa grande da fazenda e é conhecido como “Pedra Ferrada”. Trata-se de um grande bloco de rocha de textura granítica, sobre um imenso lajedo mais ou menos plano, com depressões na parte sul que formam espécie de tanques naturais armazenando água.⁹⁹

Infelizmente sobre o sítio arqueológico Pedra das Pinturas não conseguimos coletar informações com populares, estes desconheciam a existência do mesmo, que nos levassem a localização exata do sítio. Tendo somente como comprovante de sua existência a descrição da localização e a copilação dos registros realizados por José de A. Dantas presente em sua obra e a posterior utilização como ilustração no livro de Gabriela Martin.

Nos sítios arqueológicos descritos na monografia que contém registros rupestres, observamos a representação de figuras zoomorfas, antropomorfas e de grafismos puros. Estas aparecem em todos os painéis registrados nos sítios, variando a quantidade de sítio para sítio.

Entre as figuras, aparecem aquelas que possivelmente represente um antropomorfo e este sempre aparece nos painéis isolado. O antropomorfo é encontrado em painéis de pinturas e de gravuras. Outro grafismo repetitivo, é o de zoomorfos representando principalmente lagartos, e em menor quantidade aparecem representações de aves e quadrúpedes. Por último temos o grafismo mais característico da região, que aparecem em todos os painéis encontrados, são os puros. Principalmente os geométricos, pintados ou gravados, contendo figuras representado espirais, círculos, quadrados, grades e linhas

⁹⁹ SOUZA, Maurina S.; MEDEIROS, Osmar. Op. Cit. p. 15

paralelas. Entre os grafismos puros observados registrou-se aqueles presentes somente no sítios arqueológicos de Santana do Matos.

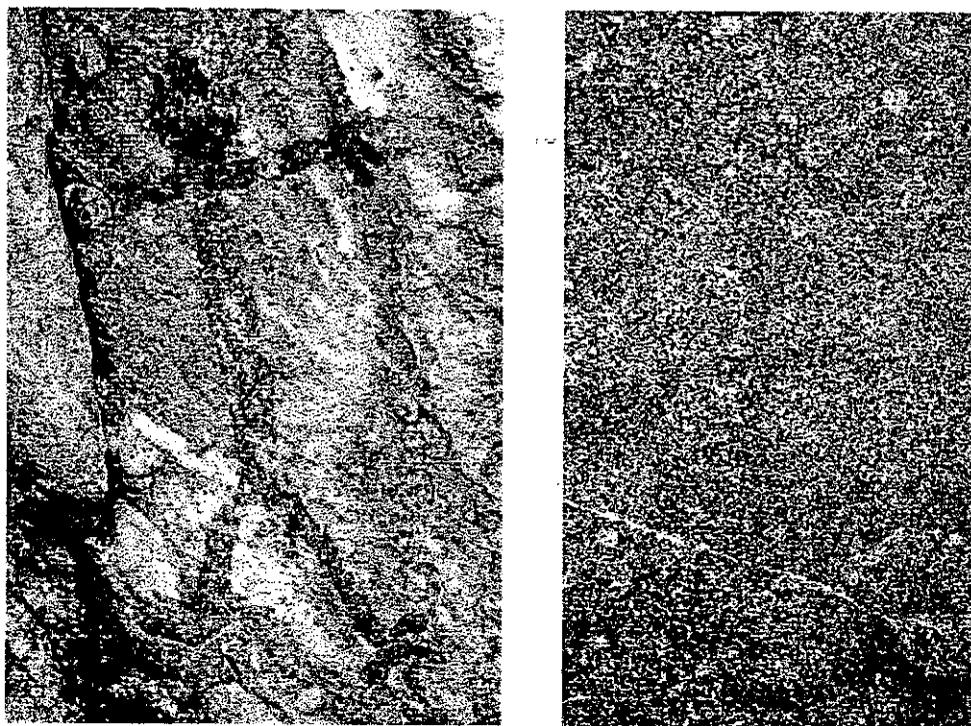


Figura 07: Representação de antropomorfo em pintura e gravura, esquerda e direita respectivamente. Fonte: Luiz Dutra de Souza Neto

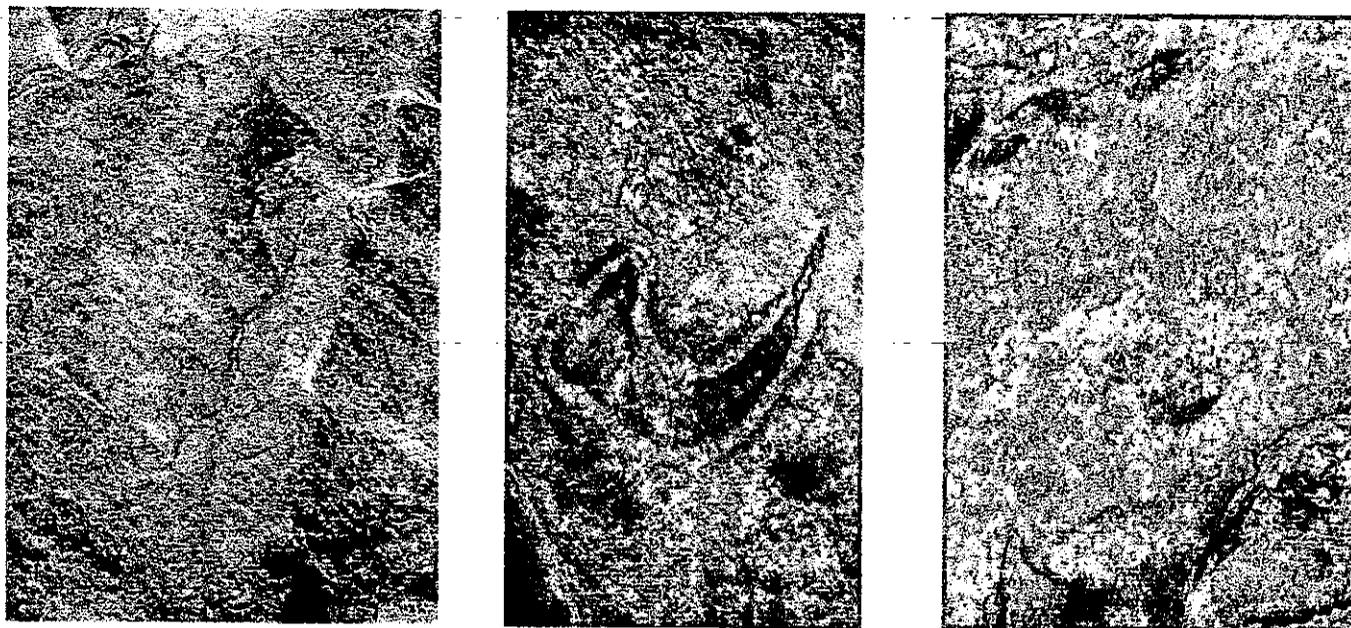


Figura 08: Grafismos puros não identificáveis presentes somente no sítio São Vicente em Santana do Matos. Fonte: Luiz Dutra de Souza Neto

CONCLUSÃO

Partindo do desenvolvimento e discussão dos conceitos, métodos de pesquisa, a tipologia de análise e as informações levantadas no desenvolver da monografia, podemos concluir que a região em que está localizado o município de Santana do Matos foi densamente povoado por grupos pré-históricos, pela grande quantidade de sítios arqueológicos registrados na região e sua distribuição geográfica pela área.

Sobre a cultura desses povos que habitaram o município, podem ser levantadas algumas hipóteses através da comparação dos dados encontrados na região, com as informações existentes da pré-história do nordeste e do Rio Grande do Norte. Sabendo que as informações sobre esse período da história estão relacionadas a dados isolados e de poucas áreas sistematicamente pesquisadas, com o sudeste do Piauí.

Há uma preocupação ritualística por parte dos grupos pré-históricos em enterrar seus mortos, os vestígios humanos encontrados, no interior de uma caverna, estando localizados no alto de um serrote, numa altitude de aproximadamente 400 metros. Como este local é de difícil acesso demonstra uma certa preocupação em proteger esses vestígios humanos. O que não podemos afirmar sobre estes vestígios é se estes enterramentos são primários ou secundários, ou se foram enterrados objetos junto com os mortos, pois como já foi dito na monografia não se realizou nenhuma escavação nos sítios. Um dado importante sobre esses vestígios que merecem nossa atenção, é a existência de ossos de animais junto com os humanos. Este dado pode nos ajudar em montar a dieta alimentar do grupo que ocupou o sítio.

Em relação do material lítico coletado nos sítios arqueológicos, poucas informações podem ser retiradas até o momento. Como não foi realizada nenhuma escavação e o material coletado era de superfície, não podemos determinar a sua posição estratigráfica e sua relação com o entorno. Foram encontrados apenas alguns núcleos e lascas, na sua grande maioria restos de debitage. Em algumas dessas lascas observou-se retoques, mas somente através de pesquisas sobre a sua tipologia teremos mais informações sobre esta cultura lítica.

O que podemos afirmar sobre este material é que na sua totalidade são materiais de pedra lascada e a matéria-prima mais utilizada foi a calcedônia, sendo encontradas algumas

lascas de sílex. No que se refere a pedra polida, as informações concretas até o momento dessa tecnologia é a existência de um pequeno batedor de gnaiss doado por populares e também a existência de outros artefatos.

A grande quantidade de registros rupestres encontrados indicam para uma importante área de pesquisa. Sabemos que pela classificação de registros rupestres elaborados por Anne Marie Pessis e por Niède Guidon no Piauí, os grafismos presentes nos sítios arqueológicos de Santana do Matos pertencem a grande tradição Agreste, por apresentarem os grafismos emblemáticos da tradição. Só que, foram observados grafismos pintados nos painéis, que possivelmente indicam uma adaptação ao meio geográfico e cultural. Estes grafismos são diferentes dos registrados na sub-tradição Apodi, área arqueológica mais próxima com a presença de grafismos dessa tradição. Mas somente futuras pesquisas poderão nos esclarecer da complexidade desses registros pintados da tradição Nordeste em Santana do Matos.

A tradição Itaquatiara aparece na região apresentando as mesmas características encontradas em outras áreas do nordeste brasileiro. São gravuras, na sua grande maioria, de grafismos puros, geométricos estando sempre representados em blocos de pedra próximos a cursos d'água. Um dado importante a ser ressaltado dessa tradição em Santana do Matos, é a repetição de figuras de antropomorfos em gravuras e também em pinturas, estas sendo muito parecidas ou tendo a mesma idéia. Podendo sugerir a contemporaneidade das duas tradições feitas pelos mesmos grupos pré-históricos que habitaram a região. //

Até o momento podemos afirmar que a região de Santana do Matos é uma enclave arqueológico:

*↳ esta man-
.enclave*

Chamamos enclave arqueológico a um espaço menor do desenvolvimento de uma pesquisa arqueológica sistemática na qual ainda não foram fixados os limites culturais. (...) Os enclaves arqueológicos podem também ser considerados como indicadores prévios de uma área arqueológica, onde a frequência de sítios arqueológicos, com horizonte cultural semelhante, indica que, com a continuidade das pesquisas, será possível a delimitação da área.¹⁰⁰

¹⁰⁰ MARTIN, Gabriela. Op. Cit. p. 72.

Pela grande quantidade de sítios arqueológicos e também pela riqueza dos vestígios arqueológicos encontrados na região. Nos dando a possibilidade de realizar pesquisas na busca de soluções para as questões existentes sobre a ocupação do território potiguar, enquanto a sua alimentação, tecnologia, características físicas e principalmente psicológicas. Ressaltando a importância dos registros rupestres ali encontrados que possivelmente nos ^{em}apresentar um novo horizonte cultural.

BIBLIOGRAFIA

- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações, 1998. (Coleção Terra Brasilis)
- CHILDE, V. Gordon. **Introdução à Arqueologia**. 2 ed. Men Martins, Portugal: Publicações Europa-América, 1977.
- DANIEL, Glyn. **El concepto de prehistoria**. Barcelona: Editorial Labor, 1968 (Nueva Coleccion Labor).
- DANTAS, José de Azevedo. **Indícios de uma Civilização Antiquíssima**. João Pessoa: União, 1994.
- FRÉDÉRIC, Louis. **Manual Prático de Arqueologia**. Coimbra, Portugal: Livraria Almedina, 1980.
- GASPAR, Maria Dulce. Os ocupantes pré-históricos do litoral brasileiro. IN: TENORIO, Maria Cristina (Org.). **Pré-história da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Ed. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.
- LAMING-EMPERAIRE, Annete. **Guia para estudo das Indústrias Líticas da América do Sul**. Curitiba: Universidade do Paraná, 1967.
- LEROI-GOURHAN, André. **Pré-história**. São Paulo: Pioneira, 1981.
- MARTINS, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 1996.
- MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Índios do Açú e Seridó**. Brasília: Ed. do Senado, 1984.

MILLER JR, Tom Oliver. Tecnologia Lítica Arqueológica. In: **ANAIS** do museu de antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1975, v. 8.

MOBERG, Carl Axel. **Introdução à Arqueologia**. São Paulo: Ed. 70, 1986. (Coleção Lugar na História).

MORLEY, Edna June. Como Preservar os Sítios Arqueológicos Brasileiros. IN: TENORIO, Maria Cristina (Org.). **Pré-história da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Ed. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

PACHECO, Leila Maria Serafim. ALBUQUERQUE, Paulo Tadeu de Souza. O Lajedo de Soledade: um estudo interpretativo. IN: TENORIO, Maria Cristina (Org.). **Pré-história da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Ed. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Ed. Unb, 1992.

_____. O povoamento da América visto do Brasil: uma perspectiva crítica. **Revista da USP: Dossiê Surgimento do Homem na América**. São Paulo, n. 34, p. 8-21, 1997. Jun/ago.

_____. Arqueologia, Pré-história e História. IN: TENORIO, Maria Cristina (Org.). **Pré-história da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Ed. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

_____. Os artefatos líticos, elementos descritivos classificatórios. IN: **ARQUIVOS** do Museu de História Natural da Universidade Federal de Minas Gerais, 1986/1990, v. 11.

RAHTZ, Philip. **Convite à arqueologia**. Rio de Janeiro: Imago, 1989. (Série Diversos).

RIBEIRO, Pedro Augusto Mentz. **Manual de Introdução à Arqueologia**. Porto Alegre: Sulina, 1976.

SANDERS, William T. MARINO, Joseph. **Pré-história do Nôvo Mundo**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1971.

SCHIMITZ, Pedro Ignácio. Caçadores e coletores no Brasil central. IN: TENORIO, Maria Cristina (Org.). **Pré-história da Terra Brasilis**. Rio de Janeiro: Ed. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

SILVA, Roberto Airon. **Os registros rupestres do Ceará**: as contribuições de viajantes, eruditos, historiadores e etnólogos. 1999. 139 f. Dissertação (Mestrado em História) – UFPE, Recife.

SILVA, Abrahão Sanderson Nunes Fernandes da. **“Lages de Soledade”**: uma contribuição à pré-história do Rio Grande do Norte. 2003. 62 f. Monografia (Graduação em História) – UFRN, Natal.

SOUZA, Maurina S.; MEDEIROS, Osmar. **Inscrições rupestres no Rio Grande do Norte**. Natal: PRAEU, 1982. (Coleções Textos Acadêmicos, n.º 214).

SOUZA NETO, Luiz Dutra. **Estudos preliminares de um sítio cerâmico em Senador Geogino Avelino**. 1982. 40 f. Monografia (Processo seletivo de professores) – UFRN, Natal.

